



Universidade de Brasília

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Curso de Letras/Tradução Espanhol

Neli Moreira Lima

PROCEDIMENTO TÉCNICO E ERRO NA TRADUÇÃO: um horizonte
extenso

Brasília - DF
2017

Neli Moreira Lima

PROCEDIMENTO TÉCNICO E ERRO NA TRADUÇÃO: um horizonte
extenso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade de Brasília, como parte das exigências
para obtenção do título de Bacharel em Letras Tradução
Espanhol.

Orientadora: Prof^a Magali de Lourdes Pedro

Brasília
2017

LIMA, Neli Moreira. 2017

Procedimento Técnico e Erro na Tradução: um horizonte extenso/Neli Moreira Lima.
Brasília. 2017. 83 p.

Orientadora: Prof^a Magali de Lourdes Pedro

Projeto Final do Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília - Instituto de Letras –
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução 2017.

1 Tradução. 2 Revisão. 3 Análise. Procedimento Técnico. 4 Erro.

PROCEDIMENTO TÉCNICO E ERRO NA TRADUÇÃO: um horizonte extenso

Projeto Final do Curso de Tradução julgado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Área de Concentração: Tradução e Análise Tradutória.

Neli Moreira Lima

Projeto Final aprovado em: __/__/____

Banca Examinadora: _____
Prof^a. Alicia Silvestre Miralles

Banca Examinadora: _____
Prof^a. Maria del Mar Paramos Cebey

Prof^a. Magali de Lourdes Pedro

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para que essas letras fossem grafadas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, Criador de todo o Universo, por sempre estar comigo.

Aos professores do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, pela dedicação, competência e profissionalismo demonstrados a cada dia na Universidade de Brasília e resplandecidos no meu desejo de seguir a jornada em curso.

À Prof^a Magali por ter me resgatado de uma desistência acadêmica e humildemente me conduzido com palavras decisivas para o retorno aos estudos, impulsionando-me, assim, a concluir o curso. À sua riquíssima contribuição na elaboração deste.

As minhas amigas Rita Freitas e Maria Jucileide de Oliveira Santos por suas doses de alegria durante nossas aulas na universidade.

A toda minha família. Especialmente aos meus irmãos: Natal, Martins, Nancy, Neusa e Nilza.

A minha filha Daiane por ser exemplar em todas as áreas da sua vida e conduzir o amor de Deus em seu coração.

Ao meu filho Júnior por existir, ser uma dádiva de Deus e símbolo de eterno aprendizado no meu viver despertando-me para ser uma pessoa melhor.

As minhas netinhas: Luisa, Ana Luisa e Sofia, por regarem a minha alma com amor.

A você leitor, sem o qual, essa obra estaria morta.

*Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.*

*Traduzir uma parte
na outra parte
que é uma questão
de vida ou morte
será arte?*

Ferreira Gullar

RESUMO

Este projeto de pesquisa pretende realizar uma análise, comparação e caracterização de um conjunto de expressões encontradas em corpora com dezesseis mil quinhentos e setenta e nove palavras retiradas de tradução feita com base em outra tradução já realizada na obra literária “A Guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil”, de Gilberto Dimenstein. A intenção é identificar os motivos que conduzem o tradutor ao erro no ato tradutório. Se a frequência de utilização dos procedimentos técnicos da tradução tem algo a ver com isto e se somos induzidos ao erro devido à escolha tradutória. Assim, partindo da experiência tradutória da autora deste e utilizando o referencial teórico metodológico *Newmark, Julian Edge* e *Anthony Pym* o objetivo principal deste trabalho consiste em revisar tradução, localizar e categorizar o erro do material revisado para encontrar respostas ao questionamento dos estudantes e profissionais de tradução em relação a como traduzir.

Palavras chaves: Tradução. Revisão. Análise. Procedimento Técnico. Erro.

RESUMEN

Este proyecto de investigación pretende realizar análisis, comparación y caracterización de grupos de expresiones encontradas en el corpus de aproximadamente quince mil palabras retiradas de una traducción efectuada con base en otra traducción realizada en la obra literaria “A Guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil”, de Gilberto Dimenstein. El intento es identificar las causas que conduzcan traductor a errores en la acción de traducir, cuando la frecuencia de utilización de los procedimientos técnicos de la traducción tiene algo que ver con eso, o sea, somos inducidos a errores a través de la opción de la técnica de traducción. Así, partiendo de la experiencia de la autora de este trabajo y utilizando las contribuciones teóricas metodológicas de *Newmark*, *Julian Edge* y *Anthony Pym*, el objetivo principal de este trabajo consiste en revisar traducción, localizar y categorizar errores del producto de la revisión con el fin de ir de encuentro a contestaciones de la cuestión de estudiantes y profesionales de traducción intitulada “¿Como traducir?”.

Palabras Clave: Traducción. Revisión. Análisis. Procedimiento Técnico. Erro.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro 1:	Definições de Procedimento Técnico da Tradução.....	16
Quadro 2:	Procedimento Técnico da Tradução Utilizado.....	17
Tabela 1:	Procedimentos Técnicos da Tradução (PTTs) mais utilizados na tradução...	22
Gráfico 1:	Procedimento Técnico da Tradução.....	23
Quadro 3:	Tipos de Erro segundo Julian Edge.....	27
Quadro 4:	Tipos de Erro segundo Anthony Pym.....	27
Quadro 5:	Erros Encontrados na Tradução.....	28
Tabela 2:	Erros Encontrados na Tradução.....	34
Gráfico 2:	Erros Encontrados na Tradução.....	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TEXTOS

TO	Texto de Origem
TT	Texto Traduzido
TE	Texto Espanhol/Tradução Espanhol
TP	Texto Português/Tradução Português
LP	Língua de Partida
LC	Língua de Chegada
LT	Língua Tema
TLT	Texto Língua Tema

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO

PPP	Palavra-por-Palavra
LIT	Tradução Literal
REP	Tradução por Reconstrução de Período
TES	Tradução por Transferência Estrangeirismo
EQUI	Tradução por Equivalência
PTT	Procedimento Técnico de Tradução

ABREVIATURAS

UnB	Universidade de Brasília
PTT (s)	Procedimento (s) Técnico (s) da Tradução
ET	Erros Encontrados na Tradução

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO	14
2 CONSTATAÇÕES TRADUTÓRIAS	16
2.1 ANÁLISE DAS CONSTATAÇÕES TRADUTÓRIAS.....	20
2.1.2 TABELA PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO.....	22
2.1.3 GRÁFICO PROCEDIMENTO TÉCNICO DA TRADUÇÃO.....	23
3 O ERRO NA TRADUÇÃO	25
3.1 O QUE É ERRO?.....	26
3.1.2 TIPOS DE ERRO SEGUNDO JULIAN EDGE.....	27
3.1.3 TIPOS DE ERRO SEGUNDO ANTONY PYM.....	27
3.1.4 ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO.....	28
3.1.5 ANÁLISE DOS ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO.....	31
3.1.6 TABELA DOS ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO.....	34
3.1.7GRÁFICO DOS ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICE TRADUÇÃO DA AUTORA DESTE TRABALHO (TP)	41

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo onde algumas fronteiras estão muito mais transitáveis política, social e economicamente falando. A distância entre os povos vem encurtando-se nos últimos anos. Basta olharmos a nossa volta para percebermos a quantidade de pessoas estrangeiras circulando no nosso país. Africanos, espanhóis, franceses, japoneses, italianos, árabes, e outros. Com todo esse contato entre culturas diferentes existe a necessidade de uma boa comunicação, não dá para interagir se não entendemos o que é dito ou escrito. Assim, acreditamos que o tradutor tem, durante toda a sua vida, uma importante missão, aprender cada vez mais a traduzir de forma eficiente.

Pensando na realidade global de contato entre culturas diferentes e na função do tradutor como intermediário da boa comunicação entre os povos surge este projeto de pesquisa. Um trabalho de análise de tradução voltado para as questões: como traduzir, que procedimentos técnicos utilizar para traduzir e consequências do erro na tradução. Isto, objetivando auxiliar estudantes de tradução a traduzir com autonomia.

Para a realização deste, um texto literário foi traduzido livremente sem pensar em fórmulas de tradução e ao término surgiu a questão “Como foi feita e como está essa tradução?”. Veio à memória a existência de teorias a respeito de formas para traduzir e atrelado a elas o questionamento: teria sido utilizado algum procedimento técnico neste material traduzido? A resposta viria por intermédio de análise do produto, então isso foi feito. Mas, à medida que se analisava era percebido o uso de determinados procedimentos técnicos de tradução mais que outros. Os que mais apareceram foram Tradução Palavra-por-Palavra (PPP), Tradução Literal (LIT) e por Reconstrução de Períodos (REP); e os menos frequentes Tradução por equivalência (EQUI) e por Transferência (TES).

Essa constatação criou uma relação no texto traduzido (TT) onde para uma escrita imaginada certa teríamos um produto bonito e para a errada o feio. As escolhas tradutórias teriam consequências? Naquele momento o que martelava a mente tradutora era “O maior índice de um procedimento técnico de tradução num texto traduzido é o responsável pela quantidade de erros?”. Inesperadamente, a professora da Universidade de Brasília – UnB, Lily Martinez, apresentou à turma da disciplina Versão de Textos Econômicos, da qual a autora deste é participante, o artigo “O Uso do Erro no Ensino de Tradução de Textos Técnicos e Científicos” da professora desta mesma instituição, Alicia Silvestre Miralles. Um material bastante útil, pois seria a resposta necessária às questões de uma tradutora em formação. Abre-se uma janela: procedimento técnico e erro na tradução, um horizonte extenso!

Traduzir pode ser uma questão de sobrevivência comunicativa financeira. Ainda quando os segredos da tradução estavam às sete chaves, na religião o latim era uma língua restrita que distanciava as pessoas do conhecimento bíblico. Os segredos dessa língua permaneceram assim até São Jerônimo, patrono da tradução, traduzir a bíblia. Atualmente, a difusão das palavras bíblicas traduzidas vem influenciando e transformando as pessoas, na maioria das vezes, em empresários que por meio de seus eloquentes discursos de santidade e prosperidade alcançam o coração do outro em benefício próprio. Tradução também pode ser uma questão de sobrevivência comunicativa humana. Em qualquer sociedade as pessoas produzem atos comunicativos e para isso usam a língua, seja ela falada ou escrita. Se elas não entenderem o que o outro diz não haverá comunicação. Aí entra o tradutor como intermediário, nas relações políticas, sociais e econômicas.

Tradução já foi defendida como passagem de uma língua a outra, na qual se privilegiava a fidelidade ao original e com isso neutralizava-se a presença do tradutor na tradução; como intraduzível, onde se cria uma compreensão restrita; foi vista como eficiente se mecanizada, após a Segunda Guerra Mundial devido a necessidade de desenvolvimento acelerado foi automatizada; e como inseparável da relação história e funcionamento ou da linguagem e literatura. E atualmente, dessas raízes teóricas surgem estudos voltados para o ‘Como traduzir?’. Este é um questionamento há tempos teorizado. O fato de existir formas mais adequadas de traduzir determinado texto nos leva a crer que a escolhas tradutórias indevidas produzirão traduções com muitas palavras escritas de forma inadequada. Um texto traduzido, mas ainda com uma grande quantidade de erros pode gerar estranhamento. Certamente levantam-se questões sobre o motivo dos equívocos tradutórios. Num mundo globalizado e com os avanços dos estudos de tradução o texto traduzido tornou-se mais ainda veículo de comunicação, sendo importante que esteja em boas condições de comunicar ciência, técnica ou literatura de forma eficiente na língua de chegada (LC).

A proposta nesta pesquisa é analisar a tradução de um texto literário já traduzido e a partir daí produzir, separadamente, classificações de procedimentos técnicos e de erros encontrados na tradução (ET). Pretende-se por meio desta investigação e constatação responder ou entender questões tradutórias e relacionadas a equívocos no momento do traduzir e que não foram produzidos na língua de partida (LP), mas aparecem na LC.

Este trabalho está dividido em três capítulos: Procedimentos Técnicos da Tradução; Constatações Tradutórias e análise, O Erro na Tradução e análise. Inseridos nestes temos quadros, tabelas e gráficos; Considerações Finais e Referências Bibliográficas. Pretende-se com isso compreender as relações entre procedimento técnico e erro na tradução.

1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO

Os procedimentos técnicos usados para traduzir vêm sendo estudados há algum tempo. Heloisa Gonçalves Barbosa, em *Procedimentos Técnicos da Tradução* (PTTs), analisou as teorias a respeito, formulou uma categorização e posteriormente fez uma recharacterização baseada em suas constatações referentes aos PTTs.

A referida autora realiza seu trabalho partindo das formulações de como traduzir dos diversos autores: *Vinay e Darbelnet* (1977), *Nida* (1964), *Nida Taber* (1982), *Catford* (1965), *Vázquez-Ayora* (1977) e *Newmark* (1981, 1988). Embora Barbosa tenha aprofundado seus estudos descrevendo as diversas possíveis maneiras de traduzir defendida por teóricos dos quais os referidos acima fazem parte e apresentado em sua proposta treze procedimentos: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência englobando o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação; a explicação, o decalque e a adaptação; abaixo teremos um quadro da definição somente dos que serão objeto de análise: tradução palavra-por-palavra, tradução literal, a equivalência, a reconstrução de períodos e a transferência (estrangeirismo).

Por meio das definições dos referidos procedimentos técnicos de tradução faremos uma investigação no TT e a partir dela encontraremos possíveis respostas para o “Como foi traduzido?”. Obviamente, o constatado poderá ser mais uma fresta para o “Como traduzir?”. Poderia ser sendo fiel ao original? *Nida* [1964 apud Barbosa 2004] alega que: “algumas populações preferem que seja dada ao texto bíblico uma tradução totalmente fiel à forma, totalmente literal mesmo que o resultado seja um texto incompreensível [...]”.

Entretanto, pensamos que se em algum momento o escrito torna-se incompreensível necessita de outra maneira de traduzir para torná-lo fluente ao leitor. É nesse momento que entram em cena outros procedimentos técnicos da tradução.

Newmark [1981 apud Barbosa 2004, p. 49] apresenta um modelo de tradução semântica vs. comunicativa, na qual seu foco é o leitor e seus argumentos se voltam para a equivalência com intuito de beneficiar o leitor, ator principal no texto traduzido. Para o referido autor a finalidade do texto é que determina o tipo de procedimento a ser utilizado na tradução.

Outro procedimento técnico da tradução descrito por *Newmark* foi o da tradução por reconstrução de período. No qual o tradutor reconstrói o período ou a oração do texto original no texto de chegada, de acordo com o autor a complexidade de períodos da língua francesa pede essa reconstrução em inglês.

Ainda com *Newmark* [1988 apud Barbosa 2004] falaremos de outra categoria de procedimento, o da transferência. Segundo a referida autora, a transferência é a introdução de material da língua original (LO) na língua tema (LT) e pode assumir as formas: estrangeirismo, transliteração, aclimatação, estrangeirismo junto com sua explicação. O primeiro destes quatro refere-se a transferir para a LT vocábulos ou expressão da LO que se refira a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TO e desconhecido para os falantes da língua tema.

Na recategorização de Barbosa para os procedimentos técnicos, é apresentada uma visão voltada para a definição de *Aubert* [1987 apud Barbosa 2004]. Na qual se explica a tradução palavra-por-palavra como aquela que mantém as mesmas categorias de ordem sintática e a correspondência semântica para os vocábulos do texto de origem.

A autora após demonstrar as várias maneiras criadas para traduzir, por autores desde *Vinay e Darbelnet*, argumenta que “todos os modelos de tradução examinados categorizam os procedimentos técnicos da tradução ao longo de dois grandes eixos: o da tradução literal e o da tradução não literal, embora sob rótulos diversos.” [BARBOSA, 2004, p. 79], uma dicotomia onde um eixo prioriza a forma e o outro o conteúdo.

Seguindo essa linha de pensamento alega-se a inclusão de novos elementos além de conteúdo e forma, “o leitor passa a integrar o modelo [...]” *Nida* [1964 apud BARBOSA, 2004, p. 80]; na sequência *Newmark* realiza estudos sobre linguagem e inclui no modelo de *Nida* a natureza da mensagem e o tipo de público visado pelo original e também pela tradução.

Assim, Barbosa esclarece que uma tradução poderá ser realizada tanto de forma literal se a finalidade for a comparação entre duas línguas, onde não há preocupação com o conteúdo quanto de forma bem distante da literal se o foco for a compreensão total pelo leitor.

No texto traduzido, objeto de análise deste trabalho, no ato tradutório houve a preocupação com o conteúdo, porém na identificação dos procedimentos técnicos da tradução utilizados na tradução analisada, esteve presente o modelo literal. Poderemos constatar esse fato no próximo capítulo onde será demonstrado por meio de um quadro e de acordo com as referidas definições de modelos de tradução como o texto foi traduzido. Que tipos de PTTs foram utilizados com mais frequência nessa tradução que foi o primeiro objeto de análise do qual surgiu o principal objeto investigado, o erro.

2 CONSTATAÇÕES TRADUTÓRIAS

Iniciaremos a seguir uma análise do TT ordenadas da 1ª à 13ª parte do texto traduzido para identificar quais foram os procedimentos técnicos de tradução - **PTT** mais utilizados pela tradutora em formação. De início serão apresentadas cinco definições de procedimentos técnicos da tradução, um quadro com todas as situações tradutórias e seus respectivos procedimentos técnicos tradutórios, além de uma tabela e um gráfico para melhor visualização do constatado no material analisado

QUADRO 1

Definições de Procedimento Técnico da Tradução

Tradução Literal – **LIT**

“*Aubert (1987:15)* considera a *tradução literal* como “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém a morfo-sintaxe às normas gramaticais da LT”. [AUBERT, 1987, p. 15 apud BARBOSA, 2004, p. 65]

Reconstrução de Período – **REP**

“*A reconstrução* consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT.”. [NEWMARK, 1981, p. 85 apud BARBOSA, 2004, p. 70]

Tradução Palavra-por-Palavra - **PPP**

“... a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanti-cismo seja (aproximativamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO [...]” [AUBERT, 1987, p. 15 apud Barbosa, 2004, p. 64].

Tradução por Equivalência - **EQUI**

“*A equivalência* consiste em substituir um segmento de texto da LO por um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Este procedimento é normalmente aplicado a clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos cristalizados da língua [...]” [BARBOSA, 2004, p. 67]

Transferência / Estrangeirismo – **TES**

“*A transferência* consiste em introduzir material textual da LO no TLT [...] “*O estrangeirismo* consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT.” [NEWMARK, 1988, p. 81-82 apud BARBOSA, 2004, p. 71].

<p>QUADRO 2</p> <p>Procedimento Técnico da Tradução Utilizado</p>

Binaduro TE	Neli TP	Procedimento Técnico de Tradução - PTT
<i>[...] imaginé que estaría hambrienta. (p. 9)</i>	[...] imaginei que estaria faminta. (p. 1)	PTT 1 LIT
<i>[...] Solamente había tomado un bocadillo y un refresco a la hora de comer... (p. 9)</i>	[...] Na hora do almoço: comeu apenas um sanduíche e tomou um refresco [...] (p. 1)	PTT 2 REP
<i>Pero aquella noche había sido particularmente dura. (p. 9)</i>	Mas aquela noite havia sido particularmente difícil. (p. 1)	PTT 3 PPP
<i>El drama de estas vidas conseguía contaminar a quien recibía la información. (p. 10)</i>	O drama dessas vidas conseguia contagiar quem recebia a informação. (p. 1)	PTT 4 PPP
<i>Tengo la costumbre cuando hago una entrevista de escuchar más que escribir. (p. 10)</i>	Quando faço uma entrevista tenho o costume de ouvir mais que escrever. (p. 1)	PTT 5 REP
<i>Había escrito las frases que más me habían impactado y cambiaba impresiones con Paula Simas, recordando detalles de una u otra entrevista, cuando ella menciono una de las</i>	Escrevi as frases que mais tinham me impactado e trocava ideias com Paula Simas, lembrando detalhes de uma ou outra entrevista, quando ela mencionou uma das frases que havia lhe chamado atenção. Uma	PTT 6 LIT

<p><i>frases que le habían llamado la atención, la de una niña que le había preguntado: “¿No será posible que yo vuelva a nacer?”</i> (p. 10).</p>	<p>criança que perguntou: “É possível eu nascer de novo?” (p. 02).</p>	
<p><i>Esta realidad no tiene nada que ver con el universo de las teorías pedagógicas de Piaget sobre la educación de los niños, se trata sencillamente, de otro mundo.</i> (p. 12).</p>	<p>Essa realidade não tem nada a ver com o universo das teorias pedagógicas de Piaget sobre a educação de crianças, trata-se simplesmente de outro mundo. (p. 03).</p>	<p>PTT 7</p> <p>PPP</p>
<p><i>Ese mismo mes había publicado un reportaje en el diario Fulla de Sao Paulo[...]</i> (p. 12)</p>	<p>Nesse mesmo mês eu havia publicado uma reportagem no diário Folha de São Paulo [...] (P. 03)</p>	<p>PTT 8</p> <p>PPP</p>
<p><i>Aún así descubrí la existencia de algunas lagunas graves.</i> (p. 12)</p>	<p>Mesmo assim, descobri a existência de algumas brechas. (p. 03).</p>	<p>PTT 9</p> <p>EQUI</p>
<p><i>La idea fue simplemente hacer un retrato lo más fiel posible sobre el asesinato de niños y adolescentes perpetrados por los grupos de exterminio conocidos como “escuadrones de la muerte”, “justicieros” o “policía minera”</i> (p. 13).</p>	<p>A ideia era simplesmente fazer um retrato, o mais fiel possível, do assassinato de crianças e adolescentes condenados à morte pelos grupos de extermínio, conhecidos como “esquadrões da morte”, “justiceiros” ou “policia mineira” (p. 04).</p>	<p>PTT 10</p> <p>PPP</p>

<p><i>Circulo Vicioso</i> (p. 17)</p>	<p>Círculo Vicioso (p. 06)</p>	<p>PTT 11</p> <p>PPP</p>
<p><i>En esta casa funciona el Centro Pastoral Del Menor de la Diócesis de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, periferia de Rio de Janeiro, una de las regiones más violentas del país, habitada por 3,5 millones de personas. Esta enclavada en la “Favela do Lixao”, autentico reducto de bandas marginales dedicadas al narcotráfico; sus habitantes viven de pequeños hurtos, de algún trabajo esporádico o como empleados mal remunerados. (p.17).</i></p>	<p>Nesta casa funciona o centro Pastoral do Menor da Diocese de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, periferia do Rio de Janeiro. Uma das regiões mais violentas do país, habitada por três milhões e meio de pessoas. Esta casa está situada na “Favela do Lixão”, autêntico reduto de grupos marginais dedicados ao narcotráfico; seus habitantes vivem de pequenos furtos, de algum trabalho esporádico ou como empregados mal remunerados.</p>	<p>PTT 12</p> <p>TES</p>
<p><i>D. Helio Saboya, Consejero de Seguridad del Estado del Rio de Janeiro, militante de Movimientos de Derechos Humanos antes de asumir cargos de responsabilidad pública, afirma que existe un verdadero proceso de exterminio de menores en varias partes del país y que se debe reconocer la existencia de policías implicados en la ejecución o encubrimiento de estos delitos.</i></p>	<p>D. Helio Saboya, secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, militante de movimentos de Direitos Humanos, antes de assumir cargos de responsabilidade pública afirma que existe um verdadeiro processo de extermínio de menores em várias partes do país e reconhece a existência de policiais envolvidos na execução ou ocultação destes crimes. (p. 09)</p>	<p>PTT 13</p> <p>PPP</p>

2.1 ANÁLISE DAS CONSTATAÇÕES TRADUTÓRIAS

Na primeira das partes textuais analisadas o **PTT 1 - TP** manteve fidelidade semântica, demonstrando a tradução literal – **LIT**. Conforme a finalidade da tradução, tal procedimento técnico é aceito. Neste caso, em que há uma comparação entre **TE** e **TP** a tradução foi adequada “... uma tradução cuja finalidade seja a comparação entre duas línguas poderá ser totalmente literal, sem preocupação com o conteúdo;” [BARBOSA, 2004, p. 80].

Posteriormente **PTT 2 - Em TE** temos: “... *Solamente había tomado un bocadillo y un refresco a la hora de comer...*”, e em **TP** “Na hora do almoço comeu apenas um sanduíche e tomou um refresco...”. Embora “*de comer*”, em **TE** tornar-se-ia mais adequado semanticamente se passado para **TP** na mesma forma escrita e “*refresco*” se traduzido para “suco” ou “refrigerante” por ser uma linguagem mais usual, produziria melhor resultado, nesta tradução houve uma redivisão e reagrupamento de período - **REP**.

No **PTT 3**, terceira análise, podemos claramente perceber uma tradução **PPP** devido as palavras terem sido traduzidas de forma a manter as mesmas categorias e um dos vocábulos o significado é aproximativamente idêntico ao do seu correspondente em **TE** “*dura*”. A tradução foi realizada com base no sentido conotativo da palavra. Na **LT** “*dura*” no sentido denotativo seria “rígida” e no sentido conotativo poderia também ser considerado o significado “difícil”.

Na continuidade, **PTT 4**, ao analisar **TP** e **TE** percebe-se uma tradução **PPP**. Na qual os vocábulos mantiveram as mesmas categorias, mas houve uma leve alteração nas palavras “*estas*” para “*dessas*” e “*contaminar*” para “*contagiar*”. Na primeira situação, na **LT**, o pronome demonstrativo “*dessas*” está empregado de forma catáfora enquanto na **LO** de forma anáfora; conforme [BECHARA, 2009, p. 189] usa-se a forma anáfora “quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar” ou “catáfora” ao que vai narrar; na segunda situação, “*contaminar*” e “*contagiar*” na **LT** são palavras sinônimas, foi mantido o mesmo radical e modificado o sufixo da palavra. Como disse: uma leve alteração que não interferiu no sentido.

Observou-se no **PTT 5 TE** “Tengo la costumbre cuando hago una entrevista de escuchar más que escribir.”; e **TP** “Quando faço uma entrevista tenho o costume de ouvir mais que escrever.” nitidamente que a técnica de tradução utilizada foi a Reconstrução de Período – **REP**. Outra possível tradução seria “Tenho o costume, quando faço uma entrevista, de escutar mais que escrever.”, entretanto nesse caso o procedimento técnico mudaria para **PPP**. Fato este, não pensado no momento da tradução, o qual foi percebido somente durante

esta análise. O que comprova a necessidade de revisão da tradução como forma de gerar novas possibilidades tradutórias.

Em **PTT 6 TP** realizou uma tradução **LIT**. Houve fidelidade semântica no período traduzido e adequação morfológica em (cambiaba impresiones / trocava ideias).

No **PTT 7**, sétima parte desta análise, o procedimento técnico adotado foi a tradução **PPP**. Mantiveram-se as mesmas categorias do **TE** e mesma ordem sintática em **TP**. Comparando o original com o texto de chegada considera-se uma boa tradução.

PTT 8 segue uma ordem de palavras traduzidas em que **TP** traduz por **PPP** e na expressão “Folha de São Paulo”, ressurge a questão “como traduzir?” e dar sentido ao texto. A esse respeito Rosane Mavignier Guedes, mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhando a questão “A difícil decisão do tradutor: traduzir ou não traduzir?” tem como uma das fontes de embasamento a referência seguinte, na qual, segundo a autora, Umberto Eco explica que:

as palavras têm um significado na medida em que os autores de dicionários tenham estabelecido definições aceitáveis. Mas essas definições dizem respeito a muitos possíveis sentidos de um termo antes que ele seja inserido em um contexto e fale de um mundo. E coloca a questão: “Qual é o sentido que as palavras adquirem verdadeiramente uma vez articuladas em um texto?”.

[GUEDES, 2010, p. 01]

Ao que tudo indica, Folha no **TP** está empregada com valor conotativo (sentido figurado) em “Folha de São Paulo” no sentido de Jornal de São Paulo, jornal do Estado; e no **TE** “Fulla” tem sentido denotativo (sentido literal), *fulla* no dicionário espanhol tem significado de mentira, falsidade. Isto, conforme informações de dicionários das línguas: portuguesa e espanhola. Saindo um pouco desta análise e invadindo o texto original do qual se produziram tanto **TE** quanto **TP**, a frase é “Folha de São Paulo”. Acreditamos que caso a tradução de **TE** fosse feita por transferência/estrangeirismo, levando, em itálico, tal expressão para a tradução espanhol poderia surtir melhor efeito.

No **PTT 9** utilizou-se **EQUI**, já que “*lagunas graves*” em português soaria como elemento cristalizado da língua, optou-se por traduzir para “brechas” que tem sentido conotativo de lacunas, por isso, também, equivalência. A palavra brecha equivale à laguna por ter o mesmo sentido.

Em **PTT 10** optou-se por tradução **LIT**. O texto traduzido manteve fidelidade semântica estrita e houve adequação gramatical referentes à **LT** em [...] um retrato, o mais fiel possível, do assassinato [...], no original não tem aposto.

No **PTT 11**, **TE** “Circulo Vicioso” e no **TP** “Círculo Vicioso” demonstra a tradução **LIT**. Houve adequação gramatical referente à **LT**, “Círculo” é vocábulo proparoxítono, neste

caso, segundo a gramática da língua portuguesa “levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos [...]” [BECHARA, 2009, p. 106].

Na sequência **PTT 12** apresenta uma **TES** no seguinte grupo de palavras “Favela do Lixão”/”Favela do Lixão”. Realizada por Binaduro, a tradutora deste sequer traduziu, apenas fez uma adequação na palavra *lixão*. Acrescentou o sinalizador nasal til (~) no vocábulo.

Finalmente em **PTT 13** ocorreu uma **PPP** e alterou-se em **TP** o local de uma vírgula, fato este que desvirtuou o sentido original do texto, pois Helio Saboya não milita e sim militou; outra impressão devido à mudança de pontuação é de que “antes” de ele assumir cargos públicos sempre faz determinada afirmação.

Com base nos dados desta análise produziu-se a tabela abaixo para melhor visualização dos **PTTs** mais utilizados para traduzir o **TE**. Lembrando que a análise não foi feita em todo o **TT**, mas somente numa amostra de 13 períodos e frases selecionados a partir do início da tradução. As estatísticas podem ser alteradas conforme o recorte da amostra.

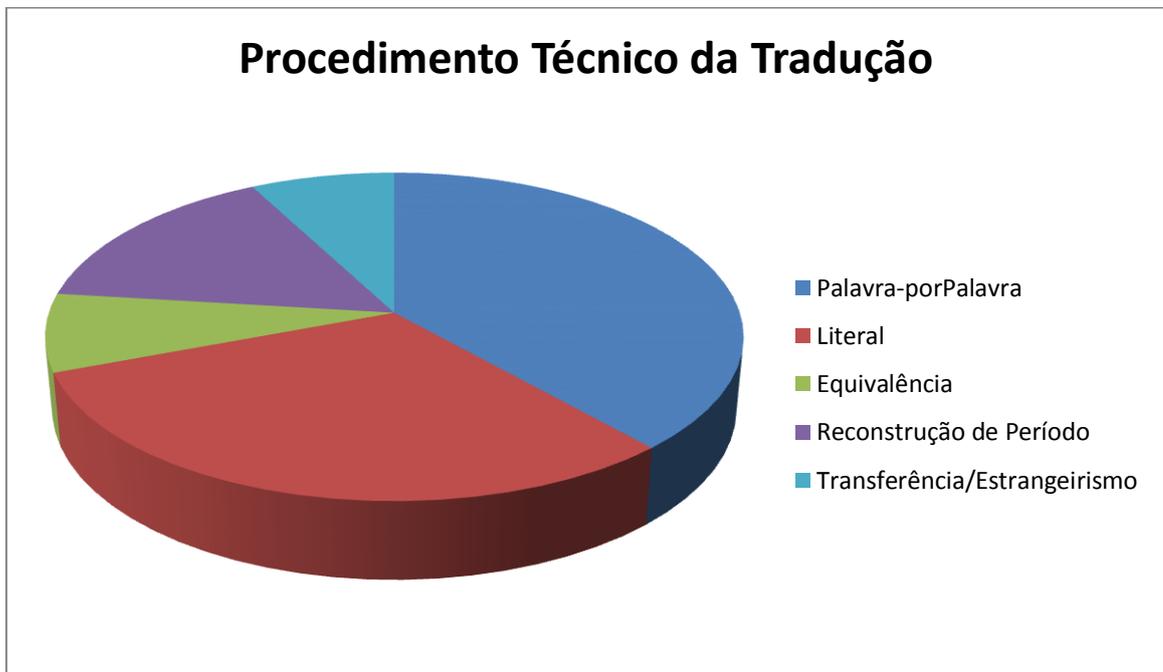
2.1.2 **TABELA 1** – Procedimentos Técnicos da Tradução (**PTTs**) mais utilizados na tradução

Classificação dos PTTs	01	02	Acima de 2	Total
Palavra-por-Palavra			05	05
Equivalência	01			01
Literal			04	04
Transferência (Estrangeirismo)	01			01
Reconstrução de Período		02		02
Total	02	02	09	13

Os procedimentos técnicos da tradução mais utilizados para traduzir *Los niños de la calle en Brasil* foram Tradução palavra-por-palavra, por equivalência, por transferência no modo estrangeirismo e tradução por reconstrução de período.

Das 13 análises tradutórias para observar a maior utilização de PTTs está constatado que houve a maior incidência do uso da tradução palavra-por-palavra seguida da tradução literal, conforme apresentado nesta tabela e no gráfico a seguir.

2.1.3 GRÁFICO 1



Nesta amostra de 13 utilizações de procedimentos técnicos da tradução o maior índice foi o da tradução palavra-por-palavra 38,4 %, na sequência tivemos a tradução literal com 30,7%, logo após veio a tradução por reconstrução de período com 15,3%, a seguir a tradução por equivalência com 7,6% e a tradução por transferência no modo estrangeirismo também o percentual de 7,6%.

Após a análise dos procedimentos técnicos de tradução utilizados para traduzir o livro *Los niños de la calle en Brasil*, descobriram-se muitos erros e a certeza de utilização de cinco PTTs implícitos no texto traduzido. Com a descoberta da grande quantidade de erros no TP, produto oriundo de TE, surge a necessidade de uma nova análise centrada no erro encontrado na tradução, pois sobre a maneira como se traduziu o texto percebemos que pode haver uma relação entre PTTs e erro na tradução. Leiamos o que dizem alguns autores sobre a tradução literal e a palavra-por-palavra.

Seu uso é restrito, porém, pois é rara uma convergência tão grande entre as línguas. A esse respeito, comenta Aubert (1987:16): "É relativamente fácil perceber que, encarado como um todo, a tradução de um texto de certa extensão (dois ou mais períodos compostos) jamais poderá ser empreendida" *palavra-por-palavra*.

[BARBOSA, 2004, p. 65]

Muitos autores, notadamente Vázquez-Ayora (1977), parecem repudiar totalmente a *tradução literal* como a fonte de todos os erros na tradução. No entanto, como apontam Aubert (1987) e Newmark (1988), ela pode ser necessária, ou até

obrigatória. Pode ser necessária em um tipo de tradução que tem como objetivo a comparação com o texto original, como em certas edições bilíngües. Pode ser obrigatória na tradução de certos documentos. Nesse caso, observa Aubert (1977), a *tradução literal* — ou mesmo *palavra-por-palavra* — deixa de ser meramente um reflexo de uma coincidência estrutural e cultural entre duas línguas, para tornar-se um procedimento tradutório deliberado. Segundo Newmark (1988), é o procedimento recomendável sempre que for possível.

[BARBOSA, 2004, p. 66]

Como podemos perceber, de acordo com as referências citadas existem casos que ‘jamais’ a tradução palavra-por-palavra será uma boa opção. São os argumentos de *Aubert* no tocante à tradução como um todo, um texto mais extenso que dois ou mais períodos compostos. No entanto, o referido autor concorda com *Newmark* na alegação de tanto a tradução literal quanto a tradução palavra-por-palavra serem obrigatórias para traduzir determinados documentos.

Ainda assim, *Vázquez-Ayora* acredita ser a tradução literal fonte de todos os erros na tradução. Diante das teorias existentes e das constatações tradutórias vimos que há uma relação entre PTTs e erro na tradução. Mas, os PTTs usados para traduzir o livro em questão não foram os únicos responsáveis pelos erros. Cada procedimento técnico de tradução tem o texto ao qual melhor se adapta, é o que alega Heloísa Gonçalves ao argumentar que: “uma tradução cuja finalidade seja a comparação entre duas línguas poderá ser totalmente literal” [BARBOSA, 2004, P. 80].

Porém, a respeito da tradução por transferência / empréstimo a autora esclarece citando sua fonte:

[...] é usado quando há uma divergência tão grande entre as línguas, entre as realidades extralingüísticas expressas por meio delas, que falta a uma itens lexicais possuídos pela outra para designar objetos ou exprimir conceitos desconhecidos pela primeira, o que representa grande dificuldade para o tradutor e obstáculo para a tradução (cf. Alves, 1983) e compreensão do TLT por seu leitor.

[BARBOSA, 2004, p. 81]

Segundo Alves, tradutores podem se deparar com palavras, das quais não serão encontrados itens lexicais na LT que as exprimam de forma condizente à LO. Fato que irá dificultar o trabalho tradutório por ser um obstáculo à tradução e por isso tornar-se-á um fator de incompreensão no texto da língua tema.

Assim, notamos que cada procedimento técnico da tradução tem vantagens e desvantagens. Cada um deles traz consigo uma ‘carga’ positiva, se a opção pelo mesmo no ato tradutório for a ideal ou negativa em caso contrário a este.

3 O ERRO NA TRADUÇÃO

Nesta fase da pesquisa, com a ausência de respaldo que criasse um *link* entre procedimentos técnicos e erro na tradução de forma a responsabilizar unicamente os PTTs pelos erros no texto traduzido, passemos para uma nova investigação para descobrir os demais responsáveis pelos equívocos analisados neste trabalho.

O erro na tradução de um texto técnico, científico ou literário pode causar problemas simples de serem resolvidos ou trazer consequências irreparáveis. Exemplo disso é a tradução feita à resposta do primeiro-ministro de Tóquio, *Suzuki Kantaro*, à Declaração de *Potsdam*, em 1945, o qual se referiu à Declaração com menosprezo dizendo que ela não teria “nenhum valor” [REVISTA VEJA: 2010] e acrescentou uma palavra a essa frase “*mokusatsu*” que pode assumir os sentidos de “ignorar” ou “silenciar” (Idem). Na época, a manchete do jornal *New York Times* foi que o Japão teria rejeitado o ultimato de rendição e a partir daí não demorou a serem lançadas bombas devastadoras em *Hiroshima* e *Nagasaki*.

Diante desse fato, nós, tradutores em formação, precisamos estar cientes do poder ora construtor ora destruidor que tem a palavra e seguir nosso ofício como se fôssemos garimpeiros da palavra em busca de melhor vocabulário. Para isso, podemos garimpar nossas traduções revisando-as. É o que propõe *Silvestre Miralles* no artigo O Uso do Erro no Ensino de Tradução de Textos Técnicos Científicos. A autora embasada em alguns autores, dentre eles *Anthony Pym* e *Julian Edge*, apresenta teorias sobre o erro, identifica suas causas, classifica-os e sugere metodologias para tradutores em formação tornarem-se mais conscientes e autônomos para traduzir.

Segundo a autora o erro linguístico pode ser classificado de acordo com causas e consequências. Por meio dessa classificação faremos uma análise de erros cometidos na mesma tradução usada para identificar os Procedimentos Técnicos de Tradução. Abaixo teremos uma definição teórica de erro e um quadro de Tipos de Erro e outro com as traduções, erros encontrados nela e categorização dos mesmos conforme a classificações de *Julian Edge* (1989) e *Anthony Pym* (1993). Na tentativa de saber qual a relação entre Procedimento Técnico de Tradução e Erro na Tradução. Pois, o alcance dessa resposta pode vir a ser uma “luz” para o “Como traduzir?”. Embora saibamos, como já constatado na análise dos PTTs, que estes não podem ser totalmente responsabilizados pela grande quantidade de erros encontrados na tradução, é notório que se o tradutor não usar o PTTs adequado ao tipo de texto e à finalidade da tradução haverá consequências ruins no produto elaborado.

3.1 O QUE É ERRO?

Todos nós crescemos aprendendo a fazer escolhas. E para cada uma delas haverá uma consequência, boa ou má. Algumas opções trazem bons resultados, mas existem aquelas que podem causar arrependimento por não ter sido a opção correta. Erra-se.

Já nos primeiros anos de escolarização, dependendo da professora, uma frase será constantemente ouvida “Está errado.”. Fora da escola também, em casa, alguns pais reafirmam o dizer da educadora; na igreja, o líder espiritual ministra os sermões ou pregações, muitas vezes, focado no certo e no errado; No âmbito profissional não é diferente, em todas as profissões existe a maneira correta e a errada de atuar; Na tradução, existem procedimentos e atitudes do tradutor que podem caracterizá-la como boa ou má, certa ou errada.

Mas o que é o erro? Conforme o dicionário *on line Priberam* da Língua Portuguesa o erro é substantivo masculino com “derivação regressiva de *errar* ou do latim *erros*, - *oris*, ação de vaguear, indecisão, ignorância, ilusão, engano” e significa: ato ou efeito de errar, aquilo que resulta de má compreensão, o que está imperfeito ou mal feito, desvio em relação à norma, desvio, falha [...]. Os referidos predicativos para o erro também são os percebidos nos erros encontrados nas traduções.

De acordo com *Palazuelos* et al. o erro na tradução é “qualquer falta ou não cumprimento com esta obrigação (‘saber’, ‘dever’) [...]” [SILVESTRE MIRALLES 2015, p. 137]. Se o tradutor não cumpre com o seu dever de saber traduzir produz materiais com muitos erros devido à ignorância, engano, má compreensão, imperfeição no que se propõe a fazer e por desvios gramaticais. São estes alguns exemplos das possibilidades de motivos para o erro.

Diante disso, entendemos que, principalmente em determinadas profissões, necessitamos ter a maior quantidade de ‘saber’ possível e temos o ‘dever’ de saber fazer para fazer com eficiência. Pois, no mercado de trabalho mesmo que haja um olhar para o equilíbrio entre o serviço especializado de tradução e baixos custos na hora de optar pelo tradutor, este profissional deveria sempre conscientizar-se da real importância de realizar seu ofício cada vez mais reciclando-se. E neste contexto, reciclar é aperfeiçoar-se, é diminuir a ignorância, fazer-se compreender através do traduzido, é aperfeiçoar-se a cada tradução realizada, é especializar-se em línguas trabalhando e para trabalhar com elas.

Assim não passarão despercebidos os vários tipos de erros numa tradução. E dessa forma a possibilidade de eliminá-los será maior. Vejamos alguns deles na sequência.

3.1.2 QUADRO 3

TIPOS DE ERRO SEGUNDO *JULIAN EDGE*

<i>Slip</i>	Estes “são aqueles erros que o próprio falante é capaz de corrigir porque procedem simplesmente de um descuido.” [EDGE, 1989 apud SILVESTRE MIRALLES, p. 139]
<i>Error</i>	Ocorre quando “o falante é incapaz de localizar e corrigir seu erro, por ignorância, [...]” [Idem]
<i>Attempt</i>	“erro resultante de uma tentativa de se comunicar usando estruturas ou vocábulos ainda não aprendidos.” [Idem]

3.1.3 QUADRO 4

TIPOS DE ERRO SEGUNDO *ANTHONY PYM*

<i>Mistake</i> (erro binário)	Aquele onde “uma determinada escolha é errada quando ela deveria ter sido correta, e não há nuances entre uma e outra, não há gradações” [PYM, 1993 apud SILVESTRE MIRALLES, 2015, p. 130-140]. Trata-se do erro linguístico (ortográfico, gramatical, semântico).
<i>Error</i> (erro não binário)	“resulta de situações em que há uma separação entre certo e errado.” [Idem].

Nesse segundo momento da análise iremos investigar os erros encontrados na tradução de *Los niños de la calle en Brasil*. Faremos este trabalho classificando cada erro descoberto na revisão do TT. Apresentaremos motivos que conduziram ao erro, conforme a referida classificação de *Anthony Pym* e *Julian Edge*, e alguns casos sugestões de melhorias na tradução. Haverá na terceira coluna do quadro abaixo uma sigla [ET] seguida de numeração sequencial, a qual significa tipo de erro encontrado na tradução. É importante observar que a tradução na coluna do TP contém vários erros de português e o óbvio é que este material traduzido seja apresentado neste momento dessa forma porque o objeto de análise a partir daqui será o erro na tradução, sem o qual se tornaria quase impossível a classificação feita na terceira coluna.

3.1.4 QUADRO 5

ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO - ET

Texto Espanhol - TE (Binaduro)	Texto Português - TP (Neli)	Tipo de Erro (<i>Slip, error, attempt</i> (Edge); <i>Mistake e error</i> (Pym))
<i>Dejó su equipo en la silla de al lado, mostraba un semblante abatido.</i> (p. 9)	Deixou sua equipe na sala ao lado, apresentava um semblante abatido. (p. 01)	ET 1 <i>Attempt, Mistake e Error</i> (Edge)
[...] <i>tan inalcanzable como disponer de un bote de caviar o de una botella de champán francés</i> “ <i>Veuve Clicquot</i> ”. (p. 12)	[...] tão difícil de ter quanto dispor de uma lata de caviar ou de uma garrafa de champanhe francesa <i>Veuve Clicquot</i> . (p. 03).	ET 2 <i>Slip e Mistake</i>
[...] <i>datos más específicos sobre el tema del exterminio de niños</i> [...] (p. 13)	[...] informações mais precisas a respeito do tem extermínio de crianças. (p. 04)	ET 3 <i>Slip/ Mistake</i>

<i>Durante el día, los niños [...] (p. 18)</i>	Durante os dia, os meninos [...] (p. 06)	ET 4 <i>Slip/ Mistake</i>
[...] <i>frecuentaban [...] (p. 18)</i>	[...] freqüentavam [...] (p. 07)	ET 5 <i>Mistake</i>
[...] <i>militante de movimientos de Derechos Humanos antes de asumir cargos de responsabilidad pública, afirma [...] (p. 23)</i>	[...] militante de movimentos de Direitos Humanos, antes de assumir cargos de responsabilidade pública afirma [...] (p. 09).	ET 6 <i>Slip e Mistake</i>
<i>Uno de los niños apodado “Ferrugem”, que acabaría entrando en la lista negra de los policías había dejado grabada una trágica premonición sobre su vida: — Mi vida es como un huracán. No hay nada que pueda pararla. (p. 23)</i>	Um dos meninos apelidado de “Ferrugem”, que acabaria entrando na lista negra dos policiais havia deixado gravado uma trágica premonição sobre sua vida: — Minha vida é como um furacão. Não tem nada que possa pará-la. (p. 09).	ET 7 <i>Error (Pym)</i>
<i>Pao de Açúcar [...] (p. 24)</i>	Pão de Açucar [...] (p. 10)	ET 8 <i>Slip e Mistake</i>
[...] <i>otros morían en accidentes de tráfico o como consecuencia de las guerras entre bandas [...] (p. 24)</i>	[...] outros morriam em acidentes de tráfego ou vítimas das guerras entre guangues [...] (p. 10)	ET 9 <i>Slip e Mistake</i>
<i>Las estadísticas de la Consejería de Seguridad de Río de Janeiro, indican que de cada 10 muertes, una es del sexo femenino. (p. 26)</i>	As estatísticas da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, indicam que a cada 10 mortes, uma é do sexo feminino. (p. 11)	ET 10 <i>Slip e Mistake</i>
[...] <i>raro encontrar nombres de niñas en las listas de menores asesinados por grupos de exterminio; (p. 26).</i>	[...] difícil encontrar nomes de meninas nas lista de meninos assassinados por grupos de extermínio; (p. 11)	ET 11 <i>Slip e Mistake</i>
		ET 12

<p><i>Las autoridades policiales conocen perfectamente este tipo de extorsión que se practica con los pequeños delincuentes e intentan encontrar alguna justificación estas conductas en la deficiente preparación profesional y en el bajo nivel salarial de los policías. (p. 29).</i></p>	<p>As autoridades policiais conhecem perfeitamente este tipo de extorsão praticada com os menores infratores e tentam se justificar através pela falta de preparação profissional e baixos salários dos policiais. (p. 12).</p>	<p><i>Slip e Mistake</i></p>
<p><i>Un policía civil gana, de media, tres sueldos base y [...] (p. 29)</i></p>	<p>Em média, um policial três salários mínimos, e [...] (p. 12)</p>	<p>ET 13 <i>Slip</i></p>
<p><i>[...] ha habido incluso secuestros que por temor no se han denunciado. Muchas personas a quienes hemos entrevistado [...] (p. 30)</i></p>	<p>Acontecem inclusive sequestros que, por medo, não são denunciados Muitas pessoas que entrevistamos [...] (p. 13)</p>	<p>ET 14 <i>Slip e Mistake</i></p>
<p><i>A esto se une el agravante de que la mayoría de los niños y niñas de la calle acaban entregándose a las drogas, [...] (p. 34).</i></p>	<p>A isso se une um agravante de que a maioria dos meninos e meninas de rua acabam entregando-se às drogas [...] (p. 16)</p>	<p>ET 15 <i>Mistake</i></p>
<p><i>Cuando son detenidos generalmente son víctimas de tortura, como práctica común incluso en los centros oficiales de “recuperación”. (p. 36)</i></p>	<p>Quando são detidos, geralmente, são vítimas de torturas, uma prática comum inclusive nos centros nos centros oficiais de recuperação. (p. 17)</p>	<p>ET 16 <i>Slip</i></p>
<p><i>Ese Don Mauro Morelli [...] (p. 51)</i></p>	<p>Esse Don Mauro Morelli [...] (P. 18)</p>	<p>ET 17 <i>Slip</i></p>
<p><i>Esta funcionaria, que nos pidió omitiésemos su nombre, sufrió un [...] (p. 55)</i></p>	<p>Esta funcionária que pediu para omitir seu nome, sofreu um [...] (p. 20)</p>	<p>ET 18 <i>Mistake</i></p>
		<p>ET 19</p>

<i>No es paranoia.</i> (p. 56)	Não é paranóia. (p. 21)	Mistake
<i>En la ciudad de Recife fue secuestrado [...]</i> (p. 58)	Na cidade de Recife foi seqüestrado [...] (p. 21)	ET 20 Mistake
[...] <i>ocupaban un coche modelo “Chevette” blanco</i> [...]	[...] estavam num carro modelo Chevette, branco [...] (p. 21)	ET 21 Mistake
[...] <i>del director de seguridad, Almeida Filho</i> [...] (p. 58)	[...] do secretario de segurança, Almeida Filho [...] (p. 22)	ET 22 Mistake
<i>En este contexto nació el “Movimiento por la Vida” en el que se integraron [...]</i> (p. 60)	Neste contexto nasceu o “Movimento pela Vida” no integraram-se todos os movimentos populares de Pernambuco [...] (p. 23)	ET 23 Slip
<i>Salí inmediatamente con las otras hermanas. Volvimos al día siguiente [...]</i> (p. 61)	__Sai imediatamente com as outras irmãs. Voltamos no dia seguinte [...] (p. 24);	ET 24 Mistake
[...] <i>quedando al fin libre de un embarazo [...]</i> (p. 79)	[...] ficando em fim livre de uma gravidez [...] (p. 31)	ET 25 Error (Pym)

3.1.5 ANÁLISE DOS ERROS ENCONTRADOS NA TRADUÇÃO

No **ET 1** *Attempt*, houve tentativa de comunicação por meio de vocabulário não aprendido; **Error** (*Edge*), pela incapacidade de correção do erro por ignorância; **Mistake**, porque foi uma escolha totalmente errada. Bastaria o manejo às ferramentas de tradução para compreender que “*equipo*” e “*silla*” não são, em português, equipe e sala. Nesse caso, o uso de um dicionário tornaria as palavras conhecidas.

Em **ET 2** Ocorreu redundância desnecessária “ter e dispor” têm o mesmo significado. De acordo com o dicionário ter é sinônimo de possuir e dispor. Neste caso seria melhor selecionar apenas um dos verbos para a tradução.

ET 3, *Slip* por ser um erro de falta de atenção/descuido ao digitar e *Mistake* pelo erro ortográfico (palavra grafada com erro de escrita “tem” neste contexto). A frase tornou-se incompreensível devido à ausência de uma letra. A solução poderia ser uma revisão.

ET 4 tem as classificações *Slip* por ser um erro de falta de atenção/descuido ao digitar e *Mistake* pelo erro de concordância, confirmando a importância de revisão no texto.

No **ET 5**, *Mistake* pelo erro ortográfico. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, explícito no site da Academia Brasileira de Letras, não se usa mais o trema neste tipo de palavra. **ET 6** traz a mesma categoria *Mistake*, porém por erro de pontuação. A Vírgula em local indevido mudou o sentido do texto.

Em **ET 7** a expressão “*huracán*” pode não ter sido a melhor escolha de Binaduro em relação ao **TO**, pois lá a frase é “Minha vida é como se fosse um vento...”, conforme quadro comparativo abaixo

<p>[DIMENSTEIN, 1993: 20]</p> <p>Um dos garotos, apelidado de “Ferrugem”, que também estaria na lista negra dos policiais, deixou gravada a previsão trágica sobre sua própria vida. — Minha vida é como se fosse um vento. Não tem nada que segure.</p>	<p>[BINADURO, 1994: 23]</p> <p><i>Uno de los niños apodado “Ferrugem”, que acabaría entrando en la lista negra de los policías había dejado grabada una trágica premonición sobre su vida:</i> — <i>Mi vida es como un huracán. No hay nada que pueda pararla.</i></p>	<p>[Tradutora em formação]</p> <p>Um dos meninos apelidado de “Ferrugem”, que acabaria entrando na lista negra dos policiais havia deixado gravada uma trágica premonição sobre sua vida: — Minha vida é como um furacão. Não tem nada que possa pará-la.</p>
--	--	---

A palavra do **TO** “vento” foi traduzida no **TE** como furacão e **TP** seguiu com uma **PPP**. Furacão costuma ser algo impetuoso, destruidor; enquanto que “vento” sem adjetivos pode ser aquilo que segue seu trajeto sem causar dano algum. O tradutor ao alterar a palavra pode ter sentido a necessidade de dar ênfase ao “Não tem nada que possa pará-la.”, no sentido de que um vento, de certa forma pode ser parado ou desviado e o furacão não. Por exemplo: se venta, é o bastante fechar a porta para que o vento não adentre a casa, mas ante um furacão não há porta que o pare ou mude seu rumo. Porém, cada palavra tem seu sentido no texto.

Temos em **ET 08** uma falta de atenção e erro de acentuação gráfica, a sílaba tônica ocorre na vogal “u” e a palavra termina em “R”, nesse caso usa-se acento agudo nessa vogal com tonicidade maior. Novamente em **ET 09** houve falta de atenção seguida de emprego inadequado das letras “GU” no início do vocábulo. Saindo por um momento da análise de erros e entrando na harmonia da palavra, poderíamos sugerir a palavra trânsito em vez de tráfego.

Em **ET 10** ocorreu também falta de atenção e erro gramatical: sujeito separado do verbo por uma vírgula. Neste caso não deve haver esta separação entre estas classes de palavras “Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula.” [BECHARA, 2009, p. 609].

Continuamos em **ET 11** visualizando a falta de atenção e erro gramatical. Percebemos a falta de concordância nominal: substantivo “lista” deve concordar em número com a contração “nas” (junção da preposição “em” mais artigo “a” no plural). Percebemos ainda, embora não seja o foco desta análise, uma tradução incomum. Em vez de traduzir “raro” por “difícil” seria preferível manter o vocábulo “raro” na **LT**, pois ele é utilizado neste sentido que está empregado no texto, sentido de pouquíssimas vezes enquanto difícil denota trabalhoso. Conforme referido na análise dos PTTs e questionado por Umberto Eco, qual é o sentido adquirido pelas palavras articuladas no texto?

O **ET 12** vem com erro de descuido e coerência “através pela falta”. Possivelmente, neste caso a tradução literal pode ter contribuído para a incoerência textual.

Percebemos em **ET 13** o erro por descuido. Faltou escrever o adjetivo “civil” após o substantivo policial e o verbo entre o mesmo substantivo e o numeral “três”, Essa falta de atenção tornou o texto sem coesão.

No **ET 14** houve falta de atenção e erro de pontuação, ausência do ponto final após a expressão “denunciados”. Da mesma categoria de erros é o **ET 15** erro gramatical, o verbo “acabar” não concordou com o sujeito “a maioria dos meninos e meninas de rua”.

Novamente em **ET 16** ocorreu um descuido, erro de digitação (palavras digitadas duas vezes). No **ET 17** aconteceu outro descuido, não existe o pronome de tratamento “Don” na língua portuguesa.

Já em **ET 18** temos uma modificação de pontuação com a retirada do aposto existente no TE. Essa atitude conduziu ao erro gramatical já comentado por BECHARA, não se separa o sujeito do verbo.

O analisado no **ET 19** é que segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa “Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tónica/tônica das palavras paroxítonas...”. E no **ET 20**, ainda conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa “O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas.”, conforme já citado.

Em **ET 21** a palavra Chevette, como está escrita, é estrangeira, sendo assim seria melhor seguir as orientações de BARBOSA [2004: 72] a respeito de normas de editoração: tradução por estrangeirismo escrever em itálico, *Chevette*.

No **ET 22** podemos ver o erro gramatical: ausência de acentuação. Conforme regras gramáticas da Língua Portuguesa, a palavra paroxítona (secretário) terminada em ditongo e deve ser acentuada. [BECHARA, 2009, p. 107].

O **ET 23** demonstra a Falta de atenção/ erro de digitação onde deveria vir “no qual” veio “no”. Fato reversível se detectado numa revisão de texto.

Na sequência percebemos no **ET 24** o erro gramatical de acentuação, o verbo saí deve estar acentuado indicando a conjugação na primeira pessoa do singular, caso contrário irá indicar a terceira pessoa do singular.

Finalizando a categorização de erros, em **ET 25** Conforme o dicionário da língua portuguesa, enfim, escrito junto é advérbio de tempo e significa finalmente. Tem um sentido de conclusão de um pensamento. Já em fim separado é uma sequência de palavras onde, em é preposição e fim substantivo. Estas duas palavras juntas formam uma locução adverbial de tempo com sentido de no final, no término.

A melhor possibilidade de tradução para a expressão *al fin* poderia ser “finalmente” ou “enfim”. O dicionário se faz importante, a cada consulta realizada na seleção de palavras mais significativas descobre-se uma gama de possibilidades de acordo com o contexto.

Conforme este conjunto de classificações dos tipos de erro e a quantidade encontrada como poderíamos relacioná-los com os procedimentos técnicos de tradução usados na tradução do material traduzido apresentado nesta análise? Já sabemos que existe uma tendência ao erro de acordo com as escolhas do tradutor se não for levado em consideração a escolha do PTT paralela ao tipo de texto e finalidade da tradução. Na sequência observemos a Tabela 2 e comparemo-la com a Tabela 1 para confirmar se realmente os maiores responsáveis pela quantidade de erros numa tradução são os PTTs.

3.1.6 **TABELA 2** – Erros Encontrados na Tradução (**ET**)

Classificação de Erro	01	02	14	19	Total
<i>Attempt</i>	X				01
<i>Mistake</i>				X	19
<i>Slip</i>			X		14
<i>Error (Pym)</i>		X			02
<i>Error (Edge)</i>	X				01
Total					37

De acordo com a Tabela 1, dos 25 seguimentos de texto revisados, foram encontrados 37 tipos de erros em virtude de ter havido mais de uma classificação para um mesmo erro. Houve momentos, durante a análise, em que a constatação era classificada tanto como *mistake* quanto como *slip*, por exemplo. As duas categorias de erro mais constatadas na tradução de *Los niños de la calle en Brasil* foram *Mistake*, o qual segundo *Anthony Pym* é um tipo de escolha errada quando deveria ter sido correta e não é um erro propriamente de tradução, mas sim linguístico (ortográfico, gramatical ou semântico) e *Slip*, este, para a autora *Julian Edge* são erros que o próprio falante é capaz de corrigir, são descuidos. Para melhor visualizar a quantidade e tipo de erro encontrado na tradução examinemos o gráfico a seguir:

3.1.7 GRÁFICO 2



Nesta amostra de 25 situações de erro na tradução tivemos um percentual de 51,3% de erros do tipo *Mistake*, 37,8% de *Slip*, 5,4% de *Error (Pym)* e 2,7% tanto para os erros categorizados como *Attempt* quanto para os do tipo *Error (Edge)*.

De acordo com a análise dos erros encontrados na tradução demonstrada por meio desse gráfico é visível que a maior quantidade deles está relacionada, em maior percentual, à questão gramatical seguido de descuido (falta de atenção).

Sendo assim, notamos que a maioria dos erros pode ser solucionada utilizando a proposta de *Silvestre Miralles* quando sugere em seu referido artigo, o qual orientou a base dessa investigação, selecionar os erros e usar uma ferramenta de qualidade para auxiliar na

análise das causas dos erros. Dentre as ferramentas citadas pela autora, daremos um enfoque maior ao *Diagrama de Ishikawa*, o qual possibilita detectar causas externas para o erro “(se o autor ou responsável por essa causa não for o próprio tradutor) e internas (se os erros forem causados pelo tradutor)” [SILVESTRE MIRALLES, 2015, p. 144].

Dois dos exemplos de causas externas, segundo as teorias divulgadas pela referida autora, seriam a desvalorização do tradutor e a formação insuficiente em habilidades leitora, as quais dificilmente são modificadas pelo tradutor. Porém, no tocante às causas internas a responsabilidade de modificação cabe ao tradutor porque de acordo com os argumentos de *Silvestre Miralles*, são elas: “competência profissional (possuir os conhecimentos necessários), a honestidade (não assumir trabalhos que excedam a própria capacidade) e a revisão (muitas vezes não feita com a devida atenção)” (Idem).

Conforme a categorização de erros e as informações contidas no referido Diagrama, a tradução analisada apresenta erros de digitação, uso insuficiente de ferramentas de apoio, falha de atenção, conhecimento insuficiente da língua de origem, não percepção do erro e falta de conhecimentos extralinguísticos.

De acordo com os procedimentos técnicos de tradução utilizados para traduzir *Los niños de la calle en Brasil*, houve uma adoção por dois procedimentos que não são os mais adequados ao texto literário. A quantidade de períodos nessa modalidade de texto dificulta traduzir por meio da tradução palavra-por-palavra ou tradução literal. O que pode também ter contribuído para a não percepção de erro. Não percebê-lo constitui uma das causas internas para o erro.

Existe uma relação de causa e consequência entre PTTs e ET, a escolha inadequada do procedimento técnico da tradução pode ocasionar erro no material traduzido. Mas existem outros motivos que conduzem o tradutor a propagar uma grande quantidade de equívocos no ato tradutório, isto se explica por meio de causas internas ou externas à tradução.

Traduzir de maneira errada passa então a ser um fenômeno passível de correção no tocante às causas internas, o tradutor deve especializar-se sempre para tornar-se um profissional eficiente no que se propõe a fazer em termos de tradução. Porém, em relação às causas internas existe o obstáculo de a mudança não depender deste profissional, mas sim das empresas, do cliente, do mercado, de todos estes que valorizam o tradutor. Contudo, uma das causas externas citadas no referido exemplo, pode sofrer alteração, a formação insuficiente em habilidade leitora. Algumas das causas internas modificadas terminam por influenciar as externas, se o tradutor especializa-se adquire habilidade leitora suficiente. Assim, melhorará suas traduções e diminuirá as chances de erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta análise o percebido é que a escolha do procedimento técnico de tradução tende a induzir ao erro, podendo ocorrer em maior grau quando o tradutor não levar em consideração o tipo de texto e a finalidade da tradução.

Contudo, a maioria dos erros encontrados no material analisado é oriunda também da falta de revisão. Na tradução analisada existem erros por descuido, por ignorância, por desconhecimento do vocabulário correto, erros gramaticais e traduções inadequadas. Fatos estes que nos trás à memória o “Como traduzir?”.

Sendo um dos objetivos desta pesquisa comparar duas línguas, a utilização de dois dos procedimentos técnicos de tradução (palavra-por-palavra e literal) em maior escala não foi o principal motivo dos erros. Porém, em alguns casos contribuiu para que eles ocorressem. Propositamente o material usado na identificação de erros não havia sido passado por revisão, pois esse era o objeto principal desta pesquisa, o erro, e o que se imaginava era que um ou outro procedimento técnico de tradução seria o principal responsável pela grande quantidade de equívocos.

Todavia, diante do trabalho realizado os achados reafirmam a necessidade de redobrar a atenção durante a revisão. Percebe-se que ao revisar textos, na busca por melhores soluções tradutórias, vários conhecimentos linguísticos são adquiridos o que contribui com o desenvolvimento de competência profissional e conseqüente eliminação de fatores internos que causam erro na tradução.

Na realização deste, um texto foi lido, traduzido, comparado e analisado; palavras ou conjunto delas foram classificadas segundo os procedimentos técnicos da tradução; houve a identificação de erros e a consciência de que outros passaram despercebidos. Isso nos leva a acreditar na não existência de uma receita de como traduzir, mas sim como fazer escolhas que tornem os textos aceitáveis ou compreensíveis.

Assim sendo, foram feitas algumas descobertas nas trilhas desta investigação que podem ajudar outros principiantes em tradução a pensar em determinadas atitudes que os conduzam a uma aproximação da resposta do “Como traduzir?” eliminando ou corrigindo os erros na tradução e tornando-se um tradutor: consciente, aquele que sabe a importância de uma tradução bem feita; e inacabado, aquele que busca sempre aprender.

A produção e leitura deste trabalho não tornam nenhuma pessoa *expert* em tradução, mas apresenta detalhes que podem fazer a diferença na vida do tradutor ou estudante em

formação que pretenda analisar trabalhos para analisar-se. Já a tradução feita e utilizada como material de análise neste trabalho foi produzida sem a seleção de procedimento técnico da tradução, mas ao passar por revisão analítica perceberam-se vários deles inseridos no material traduzido, o que prova não ter como traduzir sem a presença dos PTTs, sejam eles em suas formas teóricas primárias ou recategorizadas.

Embora não sejam os únicos responsáveis pelas inadequações no texto traduzido, os PTTs utilizados para traduzir contribuíram para gerar algumas categorias de erro, pois se o foco for a palavra as regras gramaticais passam para segundo plano e dessa forma podem não receber a importância necessária na tradução. Por este motivo, também acreditamos serem determinados PTTs em textos específicos, os responsáveis por erros. O maior índice do procedimento técnico encontrado na tradução analisada e a quantidade de erros descobertos durante a revisão comprovam este fato. Mesmo sabendo que em caso de comparação entre duas línguas pode-se utilizar o PTT palavra-por-palavra, pois na tradução em questão a preocupação inicial foi somente a de traduzir sem pensar na maneira como isto seria feito. Somente durante a análise este fator comparativo entre línguas pela tradução palavra-por-palavra veio à tona. Assim, constatam-se as várias possibilidades e consequências de traduções.

Diante das constatações nesta análise percebe-se que é possível traduzir tendo uma mínima experiência em tradução, como também é possível adquirir experiência à medida que se procura analisar o trabalho produzido.

Não é possível saber o que exatamente acontece na mente de um tradutor quando ele se propõe a traduzir, existem muitos fatores externos e internos capazes de influenciar a tradução. Contudo, os que puderem ser detectados e eliminados, hão de colaborar para um trabalho bem feito. Assim, melhorias podem surgir nas traduções e o que é trabalhoso passa a ser automático. Isto é, quanto mais se pesquisar em busca de palavras mais condizentes com o que se quer expressar, e quanto maior o senso de responsabilidade do tradutor em relação à realização de seu compromisso com o desenvolvimento de competência profissional, quanto mais buscarem-se fontes fidedignas, melhor resultado será alcançado nas traduções que ele se propõe a realizar.

Saber como traduzir não é tarefa simples porque não existe uma forma ou fôrma humana e nem mecanizada 100% eficiente que transforme algo vivo em estático. Mas, uma das tantas prováveis respostas para o emblemático questionamento é: traduzindo. Longe de ser uma fórmula, o que se propõe neste são sugestões: partir de princípios morais e éticos

como respeitar o leitor, o cliente e a si próprio pode ser um bom começo para os estudantes de tradução que querem ingressar de forma atuante na carreira.

O procedimento técnico e o erro da tradução algumas vezes estão interligados. Como acontece com a água e o óleo. Mas, qual o porquê dessa comparação?

O erro na qualidade de óleo seria aquele que é útil para temperar ou lubrificar, ou seja, através dele processos de melhoria são realizados; por outro lado, ele também serve para sujar e até manchar. É esse o poder do erro, por ele tanto se pode aperfeiçoar um texto quando corrigido quanto denegrir sua imagem quando não é percebido.

O procedimento técnico visto como a água simbolizaria, para alguns, a palavra em suas várias formas: pura (a qual nunca será, pois até a água da mina é acrescida de vários minerais), transformada em suco natural, refrigerante ou outra bebida qualquer a base desse líquido vital, que viesse a cumprir com o objetivo de satisfazer o usuário.

No contexto tradutório PTTs e ETs podem estar miscigenados. Uma maneira de traduzir pode produzir efeitos bons ou ruins durante a leitura do material produzido e a partir dele o seu autor tende a ser ovacionado ou ridicularizado, exemplo: numa tradução realizada sem a devida percepção de finalidade do texto existe a possibilidade de disseminarem-se erros que manchem como o óleo, um nome no texto traduzido ou no cânone. Alguns procedimentos técnicos de tradução e erro na tradução estão interligados, pois de acordo com as opções feitas pelo tradutor esses procedimentos quantificam erros se não houver alguns questionamentos desse profissional antes de iniciar seu trabalho, semelhantes a: O que traduzir? Como traduzir? Por que traduzir? Para quem traduzir? Além do horizonte dos procedimentos técnicos e do erro na tradução existe um mundo para a palavra: questionada, investigada, trabalhada, revisada, polida, adequada, certa...

Enfim, como traduzir não é uma questão apenas profissional. A sociedade brasileira está cada dia mais influenciada por estrangeiros de várias nações, assim, podemos a qualquer momento nos deparar com situações em que haja a necessidade de saber como traduzir com competência para promover a comunicação de forma adequada. Por isso, devemos antes de ser, ter competência para realizar um trabalho de tradução que reflita a dignidade do tradutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO. Disponível em:
 <http://www.academia.org.br/sites/default/files/conteudo/o_acordo_ortogr_fico_da_lngua_portuguesa_anexoi_e_ii.pdf>. Acesso em 01/05/2017.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BINADURO, Francisco Ramo. *Los Niños de la Calle en Brasil-La guerra de los niños: asesinato de menores en Brasil*. Ed. 1. España, Madri: Fundamentos Colección ciencia, 1994.
- BRITO, Gisele Ferreira de; CHOI, Vânia Picanço; ALMEIDA, Andreia de. *MANUAL ABNT: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos*. Ed. 4 São Paulo, SP: FECAP Biblioteca Paulo Ernesto Tolle, 2004.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *A Guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil*. Ed. 7. Brasília, DF: Brasiliense, 1993.
- GUEDES, Rosane Mavignier. *A difícil decisão do tradutor: traduzir ou não traduzir*. Disponível em
 <http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/062010/textos/cl26062010Rosane.pdf> Acesso 09/04/2017.
- JELIN, Daniel; FRANCESCHINE, Manuela; GOULART, Nathalia A *Língua do Google*. Disponível em:
 <<http://docslide.com.br/documents/a-lingua-do-google-materia-da-revista-veja-sobre-o-google-translator.html>> Acesso em: 06/04/2017.
- MARTINS, Maria Silvia Cintra. *Entre palavras e coisas*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2002.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [en línea]. *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em: 08/04/2017.
- SILVESTRE MIRALLES, Alicia. *O USO DO ERRO NO ENSINO DA TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS* in: ROSCOE-BESSA, Cristiane; BELL-SANTOS, Cyntia; LAMBERTI, Flávia (org). *A Tradução em Contextos Especializados*. Brasília: Editora Verdana, 2015.

APÊNDICE Tradução da autora deste trabalho (TP). Esta tradução contém todos os erros que foram objeto desta pesquisa.

TE: *Los niños de la calle en Brasil La Guerra de los niños Asesinato de Menores en Brasil*

TP: Os meninos de rua no Brasil: A Guerra dos Meninos Assassinato de Menores no Brasil

Numa noite quente, quarta-feira, 17 de janeiro, em Recife, a fotógrafa Paula Simas chegou ao restaurante aproximadamente às 23 horas — imaginei que estaria faminta. Na hora do almoço comeu apenas um sanduíche e tomou um refresco. Deixou sua equipe na sala ao lado, apresentava um semblante abatido. Estava com um olhar perdido. Quase não tocou a comida. Isso era compreensivo, pois havia acabado de chegar de mais uma sessão de fotografias de “meninos de rua”, uma rotina na seleção de materiais para este livro. Mas aquela noite havia sido particularmente difícil.

Enquanto fazia as fotos, uma menina agarrou-se às pernas de Paula e suplicava:

— Por favor, me tira daqui.

Um dos meninos fotografados lhe comunicou algo que tinha em mente como certeza: acreditava que teria paz somente quando fosse atingido por um tiro certo. Há poucos metros, com a cabeça entre os braços e com febre, outro menino lhe explicava que não estava nada bem, um policial acertou-o com um tiro. A bala penetrou em sua perna, mas tinha medo de ir ao hospital porque dali poderia ser conduzido até o Juizado de Menores. Ele acreditava que ali cairia nas mãos dos exterminadores e seria seu fim. É natural que, diante desses fatos, qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade deixe de lado, nesses momentos, as exigências do estômago.

Durante a viagem, realizada nos meses de janeiro e fevereiro, por seis das principais capitais brasileiras nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, comprovamos como esses casos se repetiam com excessiva frequência. Impossível manter-se indiferente diante dos testemunhos de tortura, maus tratos e extermínio de crianças. O drama dessas vidas conseguia contagiar quem recebia a informação. A reação não era sentida apenas no estômago. À noite, quando eu chegava ao hotel, sentia uma necessidade extrema de tomar um longo e quente banho relaxante, sem pressa. Não era somente devido aos efeitos do calor, da sujeira e o mau cheiro dos lugares onde havíamos passado — a maioria dos testemunhos das crianças era recolhido em favelas ou bairros da periferia. Era como se eu quisesse limpar-me do que havia escutado. Uma tentativa inútil de expulsar as palavras desagradáveis, igualmente a tirar o pó da roupa.

Lembrei-me de outro sintoma suspeito. Comecei a me dar conta de que a memória falhava. Quando faço uma entrevista tenho o costume de ouvir mais que escrever. Escrevo

apenas algumas palavras chave de vez em quando e ao terminar a entrevista, reproduzo por escrito, o mais rápido possível, as frases mais importantes. Creio que o entrevistado pode sentir-se envergonhado vendo que estou escrevendo e isso prejudicar sua capacidade de falar com desenvoltura. Percebi essa falha no começo da viagem. Escrevi as frases que mais tinham me impactado e trocava ideias com Paula Simas, lembrando detalhes de uma ou outra entrevista, quando ela mencionou uma das frases que havia lhe chamado atenção. Foi a de uma criança que perguntou “É possível eu nascer de novo?”.

Eu nem me lembrava mais dessa frase, era um exemplo de sentimento de abandono. Havia deixado passar essa informação. Minha memória não estava boa, suponho que foi porque gostaria de não tê-la ouvido, pois me negava a acreditar que isso fosse possível. O fato é que, por precaução, decidi anotar tudo detalhadamente, inibindo ou não ao entrevistado. Mas para mim não era fácil manter a concentração, a cada instante surgiam dúvidas do tipo “será que é mentira?”, ou “não estará inventando?”. Eu era invadido por uma mistura de emoção e perplexidade ao constatar que a maioria das pessoas não tem ideia, não podem imaginar o grau de perversidade a que estão submetidas estas crianças abandonadas.

É inevitável a perplexidade, ainda bem que é inevitável! Uma boa parte do meu trabalho como jornalista vem se desenvolvendo em Brasília aonde venho tendo a oportunidade de conhecer uma administração perversa, movida pelos filhos da corrupção, o trânsito de influências, a demagogia, o abandono e a incompetência. Um ambiente moralmente desolador, maquiado de boas maneiras. Sendo filho de família de classe média e convivendo sempre com amigos da mesma classe aprendi a pensar e a viver de acordo com o pensamento burguês. Na universidade conheci os frequentes casos de tortura a presos políticos. A raiva e a incredulidade me impediam de digerir aqueles tenebrosos relatos. Além de qualquer consideração socioeconômica, era intolerável que pudesse existir um governo capaz de torturar. Quando finalmente acabou o Regime Militar e foram restabelecidos os direitos individuais, senti, como muitos outros, a vontade de gritar: “tortura nunca mais!”.

Tive meu primeiro filho pouco tempo depois do fim do Regime Militar. E logicamente, como pai de classe média, estava carente das mais sofisticadas teorias psicológicas e pedagógicas sobre o que deve e o que não se deve fazer na educação de crianças. São tantas as advertências e conselhos que lhe dão sobre os cuidados, você pensa até que está jogando um jogo de varinhas, no qual soltam-nas aleatórias sobre a mesa ou o chão e tem que ir tirando uma de cada vez, com bastante cuidado, evitando qualquer movimento brusco, pois ao retirar uma varinha não pode movimentar outra porque isto faz perder o jogo,

a apreensão é constante. Talvez por isso, alguns pais contemporâneos têm a sensação de terem se transformado em uma fábrica de traumas para seus filhos.

Na fase de seleção de informações para este livro encontrei-me com frequência diante de crianças desnutridas que me contavam, tranquilamente, como haviam sido barbaramente torturadas. Ou haviam visto seus amigos serem torturados ou assassinados com tiro à queima roupa. Essa realidade não tem nada a ver com o universo das teorias pedagógicas de *Piaget* sobre a educação de crianças, trata-se simplesmente de outro mundo.

Estou convencido e é natural que uma reportagem com essas características produza um maior impacto emocional que as entrevistas repetitivas a senadores, ministros, burocratas, deputados, empresários ou economistas. Porém, esses mundos estão misturados. Não podemos separar a imagem da criança agredida e abandonada da de um burocrata ou do ministro que vivem sustentados pela troca de favores e o trânsito de influências, que cultivam a incompetência — a corrupção reproduz e fortalece o subdesenvolvimento. O tema deste livro refere-se a parte mais sórdida da realidade social brasileira, fruto da indiferença e da negligência da elite e seus governantes. A criminalidade infantil vem aumentando e cada vez mais as crianças são vítimas de extermínio a tal ponto da pena de morte ser aplicada em forma de chacina, tornando-se algo banal. O respeito aos direitos individuais tornou-se artigo de luxo para essas crianças e suas famílias, tão difícil de ter quanto dispor de uma lata de caviar ou de uma garrafa de champanhe francesa “*Veuve Clicquot*”.

A ideia de escrever este livro surgiu em setembro de 1989 e foi, de certa forma, consequência de uma frustração. Nesse mesmo mês eu havia publicado uma reportagem no diário *Folha de São Paulo* comentando um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Econômicos – IBASE, com a colaboração do “Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua”. O IBASE recolheu informações sobre casos de violência contra menores. Um desses dados era particularmente inquietante. Em média, a cada dois dias uma criança era assassinada por grupos de extermínio. Essa notícia repercutiu, principalmente, na imprensa internacional.

Mesmo assim, descobri a existência de algumas brechas. Por um lado, o trabalho de investigação estava incompleto apesar da boa vontade de seus realizadores. Entre outras razões, não existia dinheiro suficiente para terminar o estudo. E por outro lado, o que tinha sido publicado era, no máximo, uma proposta de reportagem. O tema merecia ser investigado com mais profundidade. Embora não fosse o momento mais apropriado já que, toda a atenção estava voltada para o processo de sucessão presidencial. Após as eleições comecei a investigar a existência de algum estudo sério ou informações mais precisas a respeito do tem

extermínio de crianças, praticado pelos esquadrões. Neste enfoque entrevistei especialistas e entrei em contato com órgãos internacionais sensíveis a essa problemática. O resultado foi negativo, não existiam dados suficientes. Na verdade, esse fenômeno, em tais proporções era recente. Havia começado na segunda metade da década de 80 coincidindo com o aumento de furtos e assaltos cometidos por crianças.

A ideia era simplesmente fazer um retrato, o mais fiel possível, do assassinato de crianças e adolescentes condenados à morte pelos grupos de extermínio, conhecidos como “esquadrões da morte”, “justiceiros” ou “polícia mineira”. Para não sair do foco prefiro não comentar a logística dos esquadrões, assunto amplamente divulgado pela imprensa e que deixaria de lado a discussão sobre as verdadeiras causas da criminalidade em geral e em particular da infantil, tema sem dúvida, muito mais importante e merecedor de profundos e sérios estudos acadêmicos.

Pouco a pouco me dei conta de que se tornaria muito restritivo tratar unicamente do assunto extermínio. Afinal, o assassinato era somente o grau mais elevado de um processo de rejeição ao menor delinquente, suspeito de ser delinquente ou potencialmente delinquente. Antes do extermínio, propriamente dito, existe uma fase intermediária caracterizada por sessões de torturas e maus tratos nas delegacias, nas ruas e, inclusive, nos centros de “recuperação” como FEBEM e FUNABEM.

Para mostrar com fidelidade essas situações contei com a colaboração de Paula Simas que trabalhava na Agência F4, atualmente trabalha na Revista Isto é/Senhor. E em cada viagem, em cada entrevista, ela tentava captar visualmente o mundo em que vivem esses meninos, com as características específicas de cada um dos cenários visitados: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Amazonas, Espírito Santo e Distrito Federal (Brasília). Como podemos perceber, Paula conseguiu, com suas fotos, captar essa realidade com muito mais força que eu com a palavra. Basta olhar a foto de uma menina prostituta em Recife, sorridente, segurando uma boneca, para sentir-se inundado pela sensação de abandono, desolação e tristeza pela qual um adolescente esquelético encontra-se envolto nas sombras de sua cela do Rio de Janeiro. Sombras que se mostram menos ou mais agressivas e implacáveis que as próprias grades de ferro que não aparecem ou o olhar envelhecido desse delinquente perseguido que cobre o rosto com a camisa para impedir que o identifiquem. Esse garoto, ao dizer-lhe que pretendíamos publicar sua foto, quis saber quanto tempo iria demorar, e ao responder-lhe que seriam uns dois ou três meses, sem pestanejar nos perguntou:

“ ___ Vocês acreditam que estarei vivo até lá para ver minha foto no livro?”

Procurei buscar os caminhos mais fidedignos para me aproximar da fontes de informação sobre essa guerra não declarada e tive a sorte de encontrar um guia excepcional que foi o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, organizado nacionalmente e integrado por jovens idealistas que voluntariamente decidem dedicar uma parte do seu tempo para tentar encontrar, junto com os próprios garotos desprotegidos, uma saída. Sem guias de confiança não se pode chegar a lugar nenhum. Existem informações importantes guardadas em lugares intrasitáveis, que permanecem escondidas nas casas dos bairros pobres ou nas favelas, nos morros. Só é possível ter acesso a esses locais se você for conduzido e apresentado por alguém de confiança.

Fizemos um total de 315 entrevistas a meninos e adolescentes, a suas famílias, a policiais e ex policiais, a governantes, juízes, funcionários de entidades assistenciais, educadores, psicólogos, religiosos e membros de Organizações de Direitos Humanos. Além das entrevistas, buscamos informação também nos arquivos dos jornais, nas delegacias, nos movimentos de direitos humanos, e entre pessoas estudiosas da matéria e comprometidas com essa problemática.

Encontramos vários obstáculos, o primeiro deles foi estatístico. Os dados eram insuficientes, falta informação confiável. Mesmo assim e tendo como referência o estudo do IBASE pudemos concluir que o cálculo de uma morte a cada dois dias estava desatualizado. Consultamos arquivos oficiais como os do Ministério da Saúde e da Educação, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e outros não oficiais como os da UNICEF e de organizações de Pastoral de igrejas, especialmente os da católica vinculados à atenção do menor ou a defesa dos Direitos Humanos. Podemos afirmar que o cálculo mais preciso é o de uma morte de criança por dia.

Outro obstáculo foi o medo. Muitas crianças têm medo de falar porque pensam que depois podem ser assassinadas, estão acostumadas a uma expressão: “queima de arquivo”. O medo também está presente nos adultos que trabalham ou defendem os menores, muitos deles têm sofrido fortes represálias ou ameaças. Por essa razão muitas das informações permanecem no anonimato.

No entanto, aconteceu algo que facilitou, diante da realidade que estávamos descobrindo, nossa busca: encontrar um bom título para este livro – A guerra das crianças. Uma guerra desigual, evidentemente, mas uma guerra. Pode-se afirmar e demonstrar que existe hoje no Brasil um constante crescimento do extermínio de menores, delinquentes ou supostamente delinquentes e que esta política conta com a aprovação e o apoio de muitos setores da sociedade, especialmente daqueles que se sentem ameaçados pela insegurança do

cidadão nos grandes centros urbanos. E conta também com o apoio e participação conveniente da polícia.

Apoiar essa política não é somente um insulto aos direitos fundamentais da pessoa, mas é também arriscar-se a ser submetido a um processo de degradação irreversível. É um perigo contra si mesmo. Depois de investigar as pistas deixadas pelos assassinos de crianças torna-se evidente que esta “limpeza” nada mais é que um sinal de delinquência. Esses grupos de extermínio, deslumbrados e movidos pela sua própria força e impunidade acabam comportando-se como quadrilhas, roubando ou traficando drogas. Um exército paralelo cada vez mais longe do controle da sociedade, quem é capaz de matar por dinheiro também faz tudo pelo lucro financeiro. Pode matar qualquer um, um dia mata um marginal, outro dia pode ser um parlamentar, um intelectual ou um jornalista.

Círculo vicioso

É uma casa simples, de dois andares, pintada de amarelo já envelhecido. Tem um corredor comprido na entrada e grades por toda parte. Nenhuma árvore, nenhuma planta, nenhum móvel, nem eletrodomésticos. Apenas uma mesinha de fórmica e uma cadeira. Num quarto, um pouco mais ventilado que os outros, os visitantes sentam-se no chão. O frigorífico se desgastou e não passou por reformas devido a falta de dinheiro. Apesar do calor, frequentemente atingir temperaturas acima dos 40°, não existe nenhum ventilador. O ambiente é limpo, mas é impossível evitar que entre a poeira da rua. Para quem, do andar de cima, olha para baixo, ao redor da casa, percebe que ela parece um grande edifício se comparado com os inúmeros barracos que se amontoam desordenadamente pelas ruas estreitas e sujas, onde passam mulheres grávidas carregando bacias com roupas e crianças esfarrapadas que improvisam brinquedos com pedaços pau ou de ferro e se sujam nas poças de lama.

Nesta casa funciona o centro Pastoral do Menor da Diocese de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, periferia do Rio de Janeiro. Uma das regiões mais violentas do país, habitada por três milhões e meio de pessoas. Esta casa está situada na “Favela do Lixão”, autêntico reduto de grupos marginais dedicados ao narcotráfico; seus habitantes vivem de pequenos furtos, de algum trabalho esporádico ou como empregados mal remunerados. Mas a casa é respeitada pelos vizinhos como se fosse uma espécie de templo. Durante os dias, os meninos com suas calças remendadas brincam pelo seu estreito corredor. Muitos deles servirão como matéria prima para uma fúnebre estatística. Quando perdem a vida seus nomes aparecem escritos com letras vermelhas sobre um fundo branco em uma placa rústica de dois metros, estrategicamente instalada na sala de visitas. É a lista de menores assassinados por

grupos de extermínio, somente em Duque de Caxias. A lista feita com o máximo de cuidado e rigor está incompleta.

“__ Parei de contar. Cansei. É uma atividade muito desgastante e, sobretudo, acabei descobrindo que a reação à denúncia de assassinato de cada uma destas crianças era cada vez mais violenta, acabavam morrendo mais crianças, como se fosse uma represália.” Disse Wolmer do Nascimento, 38 anos, funcionário da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor – FUNABEM, ex-dirigente do Centro Pastoral do Menor e atualmente um dos coordenadores do “Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua”. Wolmer trabalha na citada casa, cedida pelo bispo da região Dom Mauro Morelli.

“__ Não temos dinheiro pra nada. Às vezes nem para pagar o único funcionário que temos e que recebe o salário mínimo. Tenho certeza que se fosse para favorecer a elaboração de uma tese de doutorado conseguiríamos recursos suficiente no Brasil ou no estrangeiro.”

Mulato, de corpo franzino, com gestos rápidos, bem comunicativo, Wolmer vem há anos reunindo-se com crianças da Favela do Lixão e de seus arredores para falar de suas próprias vidas e buscar alguma solução. Em 1986 começou a perceber que dezenas de adolescentes que freqüentavam o Centro Pastoral do Menor, desapareciam de repente e nunca mais se tinha notícias deles. Junto de sua mulher Joana D’arc, com quem teve dois filhos, iniciaram uma investigação. Não tardaram em descobrir que eram assassinados por grupos de extermínio na Baixada Fluminense, organizados durante a noite e apoiados pela polícia. Apesar de várias tentativas serem frustradas, os corpos são enterrados em cemitérios clandestinos.

Apoiado pela Igreja Católica, Wolmer alertou as autoridades sobre o extermínio de menores, a maior parte deles “delinquentes”. Isso acabou provocando a ira dos exterminadores e dos policiais da região. Começaram as ameaças. Um conhecido assassino de Caxias aproximou-se dele, sorridente, e lhe disse com uma gíria própria de jogadores de sinuca: “Wolmer, tu sabes muito bem que está matando com a bola número sete”. Ameaça semelhante foi feita, por do telefone, ao bispo Dom Mauro Morelli. Uma de suas secretárias atendeu e escutou uma voz cavernosa: “diga a esse bispo sem vergonha que ele vai entrar pelo cano”.

Desde que Wolmer fez uma denúncia pública dando nomes como o de João Pedro Bueno, oficial de justiça apelidado de “Pedro Capeta” e o de seu filho João Alberto Neves Bueno, também oficial de justiça, o telefone de sua casa não parou de tocar. As mensagens recebidas eram quase sempre de ameaças anônimas. Decidiram parar de atender ao telefone, mas o dia que voltaram a atendê-lo, a dupla recebeu uma ameaça pior:

— A melhor maneira de acabar com isso será através de seus filhos, disse a voz anônima. Não pararam para considerar que os matadores corriam risco político com sua morte.

— Eu sei que estou marcado para morrer, se isso ainda não aconteceu foi porque denunciei muita gente que seriam os principais suspeitos. Se um dia eu parar de trabalhar com as crianças e passar ao anonimato sou um homem morto, disse Wolmer do Nascimento.

O caso de Wolmer e das crianças de Duque de Caxias não é um caso isolado, nem é o mais dramático. Na escuridão dos grandes centros brasileiros está sendo consumado sigilosamente o extermínio de menores delinquentes, uma autêntica operação de guerra. Uma guerra que permite e estimula todos os tipos de humilhações e torturas, promovidos por grupos liderados por policiais, ou grupos paramilitares impulsionados e fieis à polícia, sob o pretexto de que são menores irrecuperáveis e perigosos. Estes grupos são conhecidos pelos nomes de “justiceiros”, “polícia mineira”, ou “esquadrão da morte”. Os grupos formados exclusivamente por policiais, como na década de 70, praticamente já não existem.

A guerra dos meninos é uma das sombras projetadas pela gravíssima crise social brasileira. Segundo dados oficiais 40% das crianças e adolescentes vivem em famílias com uma renda per capita de meio salário mínimo. Desse total, nada menos que a metade vive em famílias com um quarto do salário mínimo por cabeça. Portanto, são 27 milhões de crianças em situação de indigência — uma indigência que reproduz e cultiva a violência. Nesta seara nascem e se fortalecem os esquadrões da morte que não agem somente entre os adultos, eles vão aumentando dia-a-dia o número de crianças dentre suas vítimas.

Apesar dos dados imprecisos e subestimados, o número de menores considerados “delinquentes” assassinados em 1989 é de um por dia. Em média, de cada 100 menores vítimas de morte violentas, 33 foram eliminadas por esquadrões. Estas são as vítimas dos grupos de extermínio organizados. Caso fossem calculados os homicídios o panorama se tornaria ainda mais grave. O cálculo não existe, mas há uma série de indícios. Só no Rio de Janeiro, de janeiro a julho de 1989, houve 184 homicídios contra menores, cometidos por diversos motivos e formas de violência.

Para se ter uma ideia do valor desses dados basta compará-los com o número de vítimas da guerra civil do Líbano onde, na mesma época e durante o mesmo período, aconteceram 850 mortes, 30 das quais, de acordo com informações da Cruz Vermelha, eram menores e isso se falarmos de um período de intenso armamento bélico e acrescentar as mortes por assassinatos, atentados e ações específicas de guerra.

D. Helio Saboya, secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, militante de movimentos de Direitos Humanos, antes de assumir cargos de responsabilidade pública afirma que existe um verdadeiro processo de extermínio de menores em várias partes do país e reconhece a existência de policiais envolvidos na execução ou ocultação destes crimes.

O senhor Almeida Filho, Secretário de Segurança do Estado de Pernambuco, comenta que quando contempla os assassinatos cometidos pelos esquadrões da morte, não consegue distinguir bandido de polícia. Este homem está acostumado a ler relatórios sobre morte de crianças em seu Estado, o maior do Nordeste brasileiro. Alguns desses meninos acabam morrendo depois de terem sofrido uma demorada e sangrenta tortura, com verdadeiros detalhes de sadismo, seus corpos aparecem com sinais de queimaduras de cigarros, suas carnes fatiadas com navalhas, com olhos arrancados e órgãos genitais amputados.

A “TV Viva” uma emissora de televisão de Pernambuco, vinculada ao Centro “Luis Freire” que integra diversos movimentos populares de defesa dos Direitos Humanos, produziu um vídeo sobre assassinato de meninos pelas mãos dos esquadrões da morte. Durante os primeiros meses de 1988, a média era de três meninos assassinados a cada semana por grupos paramilitares. Durante a produção do vídeo que durou quase um ano e meio foram entrevistados menores infratores e familiares das vítimas. Quando finalmente finalizou-se esse trabalho, foi necessário acrescentar no último quadro uma advertência comunicando que várias daquelas crianças entrevistadas na reportagem haviam sido assassinadas pelos esquadrões. Algumas mães dessas crianças ao serem entrevistadas davam nomes dos policiais envolvidos em tais assassinatos. Os produtores do vídeo decidiram ocultar essa informação devido às censuras e represálias. Alguns destes policiais denunciados eram vizinhos da sede da produtora em Olinda.

Um dos meninos apelidado de “Ferrugem”, que acabaria entrando na lista negra dos policiais havia deixado gravado uma trágica premonição sobre sua vida: “__ Minha vida é como um furacão. Não tem nada que possa pará-la.

Os testemunhos desses meninos marginalizados e “delinquentes” são semelhantes aos de “Ferrugem”. Estão convencidos de que cedo ou tarde os vão matar. A educadora Tiana Sé, ex professora da Escola para meninos abandonados, “Tia Ciata”, do Rio de Janeiro, coordenadora do Movimento de meninos de rua nesta região, recolheu e guardou centenas de testemunhos de crianças neste sentido – a princípio não foi fácil entender a linguagem dessas crianças, precisei de meses para aprender a decifrá-la. Em 1985 Tiana começou a trabalhar numa escola para meninos abandonados que funcionava no sambódromo, lugar onde desfilam as escolas de samba. Antes disso, ela havia sido professora numa escola para crianças de

classe média. Certa vez, programou uma visita das crianças ao Pão de Açúcar, a qual haveria de realizar-se dividindo o grupo em forma a irem em dois dias consecutivos. Um dos meninos reagiu a essa programação e iniciou o seguinte diálogo:

__ Professora, eu quero ir hoje.

__ Tanto faz, hoje ou amanhã vai dar no mesmo. Respondeu Tiana.

__ Sim, mas eu preciso ir hoje mesmo. Insistiu.

__ Mas... Por que não pode esperar para ir amanhã? Perguntou a professora.

__ É que amanhã, posso estar morto. Explicou.

__ Deixe de besteira. Concluiu Tiana.

Em fim, diante de tanta insistência, o menino acabou indo ao Pão de Açúcar naquele mesmo dia. Pouco tempo depois, Tiana compreenderia que a preocupação deste menino não era nenhuma besteira. Dezenas de alunos seus desapareciam e nunca mais se ouvia falar deles. Frequentemente chegavam notícias de que alguns deles teriam morrido. Uns por causas naturais, vítimas de alguma enfermidade não tratada por falta de recursos ou assistência. Outros morriam em acidentes de trânsito ou vítimas das guerras entre gangues e alguns, invariavelmente, teriam sido assassinados pelos grupos de extermínio, fazendo crescer, então, as estatísticas imprecisas de desaparecidos.

__ Para eles cada dia era único. O seguinte poderia não existir, comenta Tiana. Numa noite de muito calor, do mês de janeiro deste ano, Paula Simas estava numa praça do centro de Recife fazendo umas fotografias de G.T., o adolescente falava da falta de esperança em seu próprio futuro com esta surpreendente frase: “Sei que só descansarei no dia em que me matarem com um tiro.”. A poucos metros dali outro menino estava sentado, a cabeça entre os braços, febril, corpo franzino, vestido com uma bermuda e uma camiseta rasgada. Perguntei-lhe o que estava acontecendo. Ele me respondeu secamente:

__ Estou com febre.

__ Você deve estar com gripe.

__ Talvez, é que me acertaram um tiro na perna e a bala ainda está dentro, nos disse, mostrando a ferida.

__ Céus! E por que não vai ao hospital?

__ Tenho medo de que polícia me pegue no hospital.

A violência policial ou paramilitar não está direcionada, prioritariamente, para os menores. Mas estes cada vez mais se transformam em sua maior vítima, devido ao aumento de meninos e meninas que buscam seu sustento na rua por falta de escola ou pela necessidade de ajudar na

renda familiar. Segundo os dados informados por educadores, juizado de menores e inclusive por órgãos policiais, o número de meninas delinquentes é inferior ao de meninos como também o número de meninas assassinadas. As estatísticas da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, indicam que a cada dez mortes, uma é do sexo feminino. Misturam-se algumas hipóteses para o fato de que seja difícil encontrar nomes de meninas nas lista de meninos assassinados por grupos de extermínio; uma delas pode ser que o conceito de “fragilidade feminina acabe influenciando de alguma maneira o comportamento desses homens assassinos. Outra razão é a prostituição infantil, que aumenta em todo país.

Uma menina de Recife explicava à fotógrafa Paula Simas que os meninos entram mais cedo no crime, porque, dizia: __ Nós temos o nosso corpo para vender. Nos servimos deles.

Os menores estão cada vez mais vulneráveis e indefesos diante das ações dos criminosos que os usam para seus objetivos convencidos pelo fato de que por serem menores não podem ser presos e nem processados. Na opinião do juiz de menores do Rio de Janeiro, Liborni Siqueira, a delinquência infantil cresce vertiginosamente e a maioria dos furtos no Rio é praticada por menores.

Os menores trabalham para os receptores de objetos roubados ou para traficantes como “mulas”, na entrega de drogas aos consumidores. Esses meninos acabam aprisionados ao vício e trabalham unicamente para conseguir um grama de cocaína ou um pouco de cola de sapateiro. É mão de obra barata e facilmente reciclável. Um adulto encarcerado sai de circulação.

Os salários no país são muitos baixos e o índice de desemprego altíssimo. Esta situação se agrava entre os menores que trabalham, segundo dados do Instituto de Geografia e Estatística – IBGE, em um estudo patrocinado pelo UNICEF 77% dos meninos que trabalham ganham a metade do salário mínimo e somente 10,5% de meninos trabalhadores entre 10 e 14 anos têm algum tipo de contrato de trabalho, tornando-se a grande maioria privada de qualquer direito trabalhista estabelecido por lei. Segundo dados do próprio Ministério do Trabalho o índice de desemprego entre menores e jovens é três vezes maior que o dos adultos.

O tráfico de drogas é, sem dúvida, o trabalho mais rentável para uma “mula” e o que exige menos esforço. Calabar é uma favela de Salvador, bem localizada, e refúgio de gangues marginais, mas às vezes é cenário de uma experiência de uma organização comunitária liderada pelo jornalista Fernando Conceição. O objetivo é evitar que os meninos caiam na marginalidade e para isso é necessário oferecer alguma alternativa. Uma das metas, portanto, era cobrir as carências escolares a fim de possibilitar um mínimo de escolarização aos

menores. Criaram escolas técnicas: de panificação, refrigeração e fabricação de sabão. Os benefícios da produção são: uma parte para a escola e a outra como salário para os aprendizes.

A experiência está sendo positiva, mas comenta Fernando Conceição, que existe uma concorrência desleal com as gangues de traficantes que buscam mão de obra entre estes meninos a quem pagam até cinco vezes mais do que podem ganhar na panificação.

Não são somente os adultos marginais que utilizam estes meninos, eles também são utilizados pela própria polícia que frequentemente os estimula na prática de roubos. Segundo testemunhos de vários menores e educadores, nas diversas regiões do Brasil onde temos realizado este trabalho, esta é uma prática rotineira: quando o jovem é pego com algo roubado, entrega uma parte à polícia, como uma espécie de pedágio e com isso evita ser conduzido a uma delegacia de menores.

Ana Lira, assessora da Fundação para o Bem Estar do Menor, funcionária da Delegacia do Menor, em Recife, realizou uma série de entrevistas com menores “delinquentes”. Perguntou-lhes o que eles gostariam de ser em sua vida. Obteve um resultado surpreendente: 30% responderam que gostariam de ser policial. Um dos meninos entrevistados, A. N. M. de 9 anos, detido várias vezes por roubo, diante da pergunta de por que gostaria de ser policial respondeu: __ Porque sendo policial posso roubar sem que ninguém me prenda.

As autoridades policiais conhecem perfeitamente este tipo de extorsão praticada com os menores infratores e tentam se justificar através pela falta de preparação profissional e baixos salários dos policiais. Em média, um policial três salários mínimos, e o rendimento salarial de um superior ou delegado não passa de seis salários mínimos.

Um secretário de segurança que preferiu não ser identificado nos disse:

__ Certamente nada justifica esse comportamento, mas de alguma maneira o explica. Como podemos esperar uma atuação irreprovável de um policial cujo salário não é suficiente para pagar o aluguel de sua casa e por carne em sua panela? O fato de ter um salário tão baixo o predispõe à corrupção. É natural que vendam proteção a todos que estão mais expostos.

Outro secretário de segurança, Hélio Saboya afirma:

__ É difícil ter uma boa polícia em um país onde as condições de vida são tão ruins. Estes comportamentos são estimulados pela impunidade. Eventualmente existe justiça, mas por regra geral, vigora a lei do silêncio e esses crimes são encobertos. É muito difícil controlar as transgressões policiais, as pessoas evitam denunciar por medo de represálias e se alguma

denúncia prospera o processo acaba se extraviando. Quem está disposto a assumir uma denúncia corre muito perigo. É muito frequente encontrar pessoas que sofreram represálias por tentar enfrentar grupos de extermínio. Acontecem inclusive sequestros que, por medo, não são denunciados. Muitas pessoas que entrevistamos para este livro pediram para não serem identificadas.

Os grupos de extermínio e os policiais que abusam do poder acabam cometendo todo tipo de atrocidade porque se sentem amparados não somente por uma “proteção oficial” oculta, mas também pelo respaldo que têm da própria sociedade. Dirigentes de movimentos de Direitos Humanos são unânimes ao falar da extrema dificuldade em obter apoio na luta contra essas arbitrariedades cometidas por policiais e grupos paramilitares, isto, entre outras razões porque vários setores sociais estão muito assustados com o alto índice de delinquência e criminalidade existentes, cuja erradicação é justificada por qualquer medida que deixe a cidade limpa de tal perigo. Este clima de insegurança cidadã (todos sabem que milhares de marginais estão livres, a maioria com mandado de prisão) é estimulado com frequência pela própria imprensa e atinge patamares de ibope altíssimo nos programas de rádio de polícia, que por sua vez, são muito populares.

São programas sensacionalistas, com “notícias” inventadas, equivocadas ou aumentadas, mas que mantêm uma audiência fiel entre as classes mais pobres, com as quais os apresentadores desses programas têm o máximo de prestígio e credibilidade. Um destes apresentadores, Atanásio Jazadji, que sempre defendeu posturas a favor da tortura e do extermínio, foi eleito deputado pelo seu Estado em 1986, ele conseguiu o maior número de votos da história do Brasil.

Certamente não faltam materiais para notícias sensacionalistas já que, nas principais capitais do Brasil se cometem crimes ou delitos. Somente em São Paulo foram cometidos 50.029 crimes no ano de 89, englobando pequenos furtos, assaltos, roubos, extorsões, lesões corporais e homicídios. No Rio de Janeiro a situação é pior, segundo estatísticas da Secretaria de Segurança. No período de janeiro a novembro de 89, a cada uma hora ocorria uma morte por homicídio e 8 furtos menores por minuto, 61 roubos por dia, sem contar os carros roubados que foram 123 por dia. Se a isso somamos os números de incidentes que não foram denunciados. As estatísticas aumentam na proporção em que se diminui a confiança da população na polícia como agente de segurança cidadã.

Uma parte desses delitos, especialmente os pequenos furtos são praticados por menores enquanto que os roubos de maior quantia e os homicídios são obra de adultos. Contudo, ocorre de fato um aumento da delinquência infantil e isso provoca a resistência da

sociedade que acaba apoiando, legalmente ou não, a guerra contra as crianças, vítimas finais de todo tipo de abuso.

A denúncia desses abusos, especialmente nos grandes centros urbanos, é levada adiante por um pequeno grupo isolado, pouco organizado e sem meios para uma divulgação correta que só é possível quando, esporadicamente, algum dos grandes meios de comunicação decide publicar uma matéria sobre o assunto e que termina sendo esquecida por não ter continuidade. A este respeito foi importante a reportagem publicada pela Folha de São Paulo, em setembro de 89, onde pela primeira vez, utilizando os principais jornalistas davam-se informações sobre o número de meninos assassinados.

Esta notícia que se manteve durante quatro dias provocou algumas reações de indignação, sobretudo pelo comportamento da imprensa estrangeira, a qual alertada pela “Folha” veio para Brasília a fim de assistir a reunião quando meninos divulgaram documentos com nomes de vítimas de assassinato – essa notícia correu o mundo. Um ou outro conselheiro tutelar ou secretário de segurança se auto proclamou inocente e o atual Ministro da Justiça, Saulo Ramos, prometeu medidas a respeito. Desgraçadamente, em poucos dias, isso seria esquecido, permanecendo intacta a ideia dominante na classe média de que “defender os direitos dos delinquentes ou até presuntos delinquentes é ir contra o direito que o cidadão tem de trabalhar e andar tranquilo pela rua.”.

O advogado Jairo Gonçalves, de São Paulo, suspeito, pelo fato de estar veiculado a organizações de direitos humanos e atuar como assessor jurídico do departamento da Pastoral do Menor era interrogado constantemente, com a mesma questão: “Por que o senhor defende os delinquentes?”, “Não será melhor que eles desapareçam ou permaneçam na prisão?”. Na maior parte das vezes, Jairo tentava explicar sem êxito o princípio da igualdade legal entre as pessoas.

Os meninos de rua são a priori suspeitos, sejam ou não delinquentes, sua maneira de vestir-se parece razão suficiente para serem julgados como prontos para roubar uma carteira. São os chamados “pivetes” que estão por toda parte e são realmente temidos. Basta o fato de que estejam vendendo chicletes ou limões ou qualquer guloseima para serem marcados como suspeitos.

Em Pernambuco, essa suspeita ultrapassou os limites transformando-se em um caso estranho: um menino foi conduzido ao Juizado de Menores e ali ficou constatada a causa de sua detenção – suspeito de ter maus pensamentos.

Experiências como as de Calabar que oferecem as possibilidades de estudo e formação necessárias para que os meninos possam chegar ao mundo do trabalho podem marcar a pauta

como métodos eficazes para romper com o círculo vicioso que movimentava esses meninos e evitar a permanência deles na delinquência. Infelizmente, o sistema educativo não está preparado para isso incapacitando a reintegração dessas crianças abandonadas e voltadas para a delinquência. Além disso, são indisciplinados e agressivos. A maioria desses meninos não tem documentação e nem sequer alguém que se preocupe em matriculá-los. Se algum consegue chegar à escola enfrenta uma realidade tão distante da sua que dificilmente conseguirá assimilar. Vai aumentando assim a distância entre a escola e o aluno até o ponto de que este não tenha outra alternativa que não seja voltar de novo à rua e reencontrar-se com o mundo da delinquência. Segundo dados do Ministério da Educação existem em torno de quatro milhões e meio de crianças e adolescentes que não frequentam a escola.

Em Salvador estão levando a sério uma experiência que mostra a dificuldade que é para essas crianças diminuir a distância que separa elas do mundo da delinquência dos padrões de normalidade social e escolar. Difícil, mas não impossível se depender dos meios econômicos, paciência e tempo. Esta é a experiência do padre Clovis Piazza, jesuíta italiano, Licenciado em economia, Filosofia e Psicologia, diretor do Instituto São Geraldo, em Salvador, onde se encontram algumas crianças abandonadas. Piazza que em seu país não havia trabalhado com meninos de rua e com pessoas excluídas, apoiado em seus conhecimentos de psicologia, procura entender a linguagem agressiva destes meninos e estabelecer com eles vínculo afetivo.

— Depois desta ponte, a duras penas construída, surgem novos obstáculos. O menino passa a considerá-lo seu pai professor e inconscientemente passa a agredi-lo como se fosse o verdadeiro pai que o deixou na rua e o tratou com violência. É necessária muita paciência para entender essa fase e não provocar uma ruptura ou, inclusive, expulsá-lo, tornando o trabalho todo perdido, afirma Piazza.

O sistema educativo não está preparado para atender sua própria estrutura básica. Estatísticas oficiais mostram o aumento da evasão escolar e o péssimo nível de ensino. De cada 100 crianças que entram no primeiro grau, só 13, ou seja, cerca de 10% terminam o curso. É difícil imaginar que ainda existam pessoas como Piazza, que unem o conhecimento psicológico à solidariedade cultivada nos conventos. Mesmo porque a média salarial dos professores de ensino primário é de dois salários mínimos por mês.

O resultado final é que é negado, a estes menores delinquentes, definitivamente, o ingresso no mercado de trabalho, restando-lhes como única alternativa a permanência no mundo da marginalidade e da violência. A delinquência acaba sendo a única forma de subsistência e a agressividade a resposta possível e natural em sua relação com a sociedade. A

isso se une um agravante de que a maioria dos meninos e meninas de rua acabam entregando-se às drogas, especialmente à “cola de sapateiro” que cheiram durante todo o dia para aliviar a fome e contribuir no alívio às tensões. O próprio vício vai os distanciando cada vez mais da possibilidade de ingressar em uma escola ou de conseguir um emprego.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro realizou um trabalho com meninos de rua sobre o tema “drogas”. Os psicólogos perceberam imediatamente a dificuldade que existia para convencê-los a deixar as drogas. Pode-se motivar a um jovem de classe média para que deixe a droga com propostas de mudança positiva de vida com o argumento das novas e boas perspectivas que à vista e as alternativas que lhes oferecem. Mas esse argumento não serve para quem aceitou, com certa razão, que seu destino é a marginalidade, o subemprego, a prisão, a tortura e finalmente a pistola de um policial que acabará com sua vida.

Quando um dos psicólogos da faculdade perguntou a um menino por que cheirava cola todos os dias, este lhe respondeu:

— Tem algo melhor para me oferecer?

Em todos os testemunhos desses meninos se sobressai o tema violência. Para eles, viver é suportar a agressão constante e a cola serve como alívio ou estimulante que ajuda na luta diária. Não é nada diferente do que faz o alto executivo ou o empresário que cheira cocaína para enfrentar com mais facilidade o mundo competitivo dos negócios.

Padre Piazza comenta que a violência é como o jogo de ping-pong. Se lançar a bola com força volta com força. Se lançar com efeito, volta com efeito.

A dureza da vida cotidiana e a ausência de perspectivas de futuro, o contato com grupos de delinquentes e, sobretudo, a violência policial e os maus tratos sofridos inclusive dentro das instituições oficiais são as causas que levam e perpetuam um clima de violência generalizada. Neste contexto aparecem os menores considerados “altamente perigosos” que lideram gangues capazes de matar a sangue frio. Dialogar com esses meninos e tentar aplicar-lhes um tratamento terapêutico torna-se praticamente inútil. Como dizem os psicólogos que trabalham neste meio, a maioria destes meninos vem de famílias conflituosas onde o pai, a mãe ou ambos têm o hábito de maltratar seus filhos fisicamente e com frequência a níveis muito altos de crueldade. A rua é uma reprodução deste ambiente. Os meninos que vivem na rua contam longas histórias de maus tratos por parte da polícia, especialmente durante a madrugada enquanto a cidade dorme. Quando são detidos, geralmente, são vítimas de torturas, uma prática comum inclusive nos centros nos centros oficiais de recuperação.

Existe uma dificuldade em apresentar números confiáveis devido à existência dos cemitérios clandestinos. Os integrantes dos esquadrões sabem que gozam de uma certa

impunidade, mas tudo tem seus limites. De vez em quando alguns setores da sociedade mobilizam-se e exigem providências das autoridades. Efetivamente são tomadas algumas medidas, embora a maioria delas acabe esquecida ou perdida nas inúmeras comissões e subcomissões que se reúnem para discutir projetos. Durante o governo de Leonel Brizola, criou-se uma comissão para investigar os esquadrões, decisão tomada por um bailarino que denunciou seu ex-amante, um oficial da Polícia Militar, como assassino. O trabalho continuou com o governo de Moreira Franco, após ficar parado por quase um ano com 184 investigações. Seus integrantes queixaram-se de falta de colaboração por parte da polícia, de falta de recursos, inclusive para dar necessária proteção às testemunhas. Apesar disso, em consequência destas investigações 23 pessoas foram condenadas, no entanto, a maioria dos suspeitos conseguiu ser absolvida.

Em certos momentos os assassinos tomam maiores cuidados. Para evitar a divulgação nos meios de comunicação, enterram suas vítimas diretamente em cemitérios clandestinos, criando assim, uma enorme dificuldade na hora de contabilizar e registrar o número de assassinatos. Os próprios familiares se calam e evitam denunciar estas mortes porque sofrem ameaças diretas ou têm medo de envolver-se em brigas com exterminadores. Além disso, sabe-se que os integrantes dos esquadrões são membros da Polícia ou estão protegidos por ela. A partir do momento em que denúncias de mortes de crianças começaram a se multiplicar, tanto na imprensa nacional quanto na estrangeira, os repórteres policiais mais antigos do Rio de Janeiro começaram a perceber que os corpos dos meninos não apareciam nas ruas e sim eram encontrados em valas, como acontece hoje em dia com os corpos de adultos que são assassinados. Um desses corpos chegou a ficar mais de um mês sem ser removido de uma das ruas da Baixada Fluminense.

Existem informações suficientes que confirmam que a maioria dos meninos mortos está sendo enterrada em cemitérios clandestinos. Mesmo assim, a fotógrafa Paula Simas, em seu primeiro passeio pela Baixada Fluminense, encontrou na rua o corpo de um menino morto.

Embora o corpo vá para o IML, surge outro novo obstáculo para poder elaborar uma estatística sobre o número de vítimas dos grupos de extermínio: a abertura de processos judiciais. E mais, a conclusão desses processos. Levantamentos feitos em vários estados mostram que de cada 100 crimes cometidos abrem-se, em média, mais de 20 processos. A proporção diminui quando os assassinatos envolvem pessoas de classe baixa. Em qualquer hipótese o processo é lento e não conduz a nada, principalmente se a vítima for pobre e os suspeitos policiais ou amigos destes. Existe uma legião de funcionários convencidos de que os

“bandidos” não valem nada e devem ser sumariamente executados. Estas convicções, expressas abertamente nas delegacias de polícia, costumam produzir efeitos negativos nos chamados grupos de formação de opinião e organizações democráticas quando são divulgadas publicamente. Em 1989 repórteres da revista francesa *L'Express* estiveram no Brasil elaborando uma reportagem sobre o tema mortes violentas de menores. Estiveram na Baixada Fluminense onde entrevistaram o então Delegado de Polícia de Duque de Caxias, Henrique Pinheiro Alves que durante a entrevista chegou a classificar os menores infratores como “monstros”. Perguntaram-lhe sobre os cemitérios clandestinos e ele respondeu furioso:

__ São os comunistas da igreja que espalham tais mentiras. Esse Don Mauro Morelli, que continue fazendo amor com suas ovelhas __ gritou expondo o bispo ao ridículo. Os repórteres contaram que haviam conseguido chegar até um cemitério clandestino guiados por policias do 59º Distrito Policial de Duque de Caxias. Encontraram-se em frente a uma enorme vala de uns 5 metros de profundidade, um deles perguntou:

__ Não tem inocentes aqui?

__ Aqui todos são inocentes. __ responderam.

O repórter insistiu em perguntar se ali havia meninos enterrados; a resposta veio sem demora:

__ Os meninos são mais perigosos que os adultos.

Quando Dom Mauro Morelli soube das declarações do Delegado Henrique Alves supôs que teriam relações com as ligações anônimas que estava recebendo ultimamente com todo tipo de ameaça dirigida também a Wolmer do Nascimento.

__ Com essas declarações, o delegado está estimulando os grupos de extermínio ao ataque. Se me acontecer algo a responsabilidade será do delegado e do governador Moreira Franco.

Wolmer Nascimento teve desentendimentos pessoais com este delegado, num encontro casual, na rua. Henrique Alves mostrou-se irritado ao falar do trabalho realizado pela Pastoral do Menor.

Segundo Wolmer, o delegado foi extremamente agressivo:

__ Acabarei te processando por corrupção de menores.

__ Mas como? Quis saber Wolmer.

__ O que? Como? Aqui será muito fácil te colocar na prisão.

Preocupado com as declarações de Dom Mauro Morelli, o governador agiu rapidamente para evitar um desastre. Naquela mesma semana seria celebrado o 7º Encontro de

Comunidades Eclesiásticas de Base, onde se discutiria a questão dos assassinatos. Por várias vezes uma voz dizia:

__ Preparem-se! Algo terrível vai acontecer!

Não aconteceu nada. O governador obrigou o delegado a retirar suas acusações. Se realmente matassem Dom Mauro a reação do público seria impressionante, complicando a igreja católica e inclusive o Papa e isso provocaria uma tragédia política para o Governador Moreira Franco, que foi eleito com a promessa de acabar com a violência no Estado.

Além disso, segundo a observação de Wolmer, durante este período os ataques contra meninos de Duque de Caxias aumentaram, o que foi visto como um aviso.

__ Eles se vingaram nos meninos.

A Secretaria de Segurança ofereceu proteção a Wolmer, consistiria em colocar dois policiais na frente de sua casa e conceder-lhe porte de armas. Wolmer recusou com um argumento simples:

__ Não sei atirar e se houvesse um tiroteio acabariam tendo a desculpa que precisam. Também não aceitou a presença da polícia na frente da sua casa. Seria o mesmo que colocar a raposa dentro do galinheiro.

Poucas pessoas no Brasil podem contar com garantia de proteção para enfrentar os exterminadores. Por isso, torna-se muito difícil investigar, conseguir dados precisos e estatísticas confiáveis sobre o número de menores assassinados. Não existe incentivo à investigação visto que a maioria dos que se atrevem a indicar nomes recebem ameaças e ataques direto sem poder contar com algum tipo de proteção semelhante a que possa ter Dom Mauro. Desde 1983, data de início da investigação da atividade dos esquadrões da morte. Somente no Rio foram assassinadas 13 testemunhas. Mais de uma testemunha relatou a presença de um dos assassinos andando com toda liberdade pelo edifício onde eram tomadas as declarações.

Quem cala, vive.

As pessoas que tentam proteger os menores “delinquentes”, que dão nomes de gente envolvida nos assassinatos ou exigem a apuração dos fatos vivem sob o império da lei do silêncio. É uma teia a mais no emaranhado de obstáculos que impede a realização de uma investigação séria que apresente dados concretos para ser feita uma rigorosa estatística sobre os termos do extermínio.

Uma ex funcionária da delegacia de polícia de Recife decidiu bater de frente: exigiu maiores detalhes sobre a morte dos meninos; queria, principalmente, saber de nomes para

concluir as denúncias. Não demorou muito começaram e multiplicaram-se as chamadas telefônicas ameaçando-a de forma grosseira:

__ Escuta, puta velha, é melhor ficar de boca fechada.

A princípio não deu atenção, pensando que não iriam fazer nada. Recebia telefonemas de madrugada, advertindo-a:

__ Tenho uma boa notícia, três de seus protegidos foram apagados. Amanhã você vai ler a notícia no jornal.

No dia seguinte confirmou, era verdade. Esta funcionária que pediu para omitir seu nome, sofreu um duríssimo golpe quando sua própria filha foi sequestrada, permanecendo dentro de um carro, durante horas nas mãos dos assassinos. Até que finalmente a soltaram. Era outro aviso. Até o governador, Miguel Arraes, interveio no caso, mas isso não impediu que a mãe, preocupada pelo estado de sua filha, traumatizada e vítima de constantes pesadelos, acabasse retirando a queixa e refugiando-se e imposto o anonimato como condição prévia para conceder entrevista.

Nessa mesma época, o então diretor da polícia civil de Pernambuco, João Arraes, havia prometido combater os esquadrões da morte. Não tardou em receber uma ameaça. Todos os dias, durante uma semana, recebia uma chamada telefônica, quando atendia não ouvia nenhuma voz do outro lado da linha. O que escutava, com nitidez eram rajadas de metralhadora.

__ Sem dúvida é o pessoal da polícia que faz isso. __ Sentenciou Arraes.

Os grupos de extermínio promovidos pela polícia de Pernambuco são mais sinistros que os do Rio de Janeiro. Segundo dados do Ibase 57% das mortes violentas de meninos neste Estado Brasileiro são causadas pelos grupos de extermínio. De certa forma, a reação a essa situação é expressa em pinturas nos muros de Recife, uma delas questiona: “Não matem as crianças. De quem é a culpa?”.

Mulheres de Pernambuco, preocupadas com as mortes, uniram-se em uma organização: “SOS Criança”, instalada em condições precárias numa casa em Recife. Não demoraram muito para sentirem-se em perigo, ameaçadas pelos esquadrões. Decidiram então coordenar seu trabalho e apresentar suas denúncias em ação conjunta com os movimentos populares de direitos humanos. O órgão que atualmente coordena estas iniciativas é o “GAJOP” (Gabinete de Assessoria Jurídica das Organizações Populares). A maioria dos advogados do GAJOP trabalha sob constante ameaça de morte. Não é paranóia.

Em julho, de 1989, Paulo Dias, jornalista e locutor de rádio que mantinha um programa em que defendia a necessidade de exigir mais rigor nas investigações e

esclarecimento de todos os delitos do esquadrão da morte, na cidade de Recife foi seqüestrado por quatro homens que estavam num carro modelo Chevette, branco com as placas cobertas por panos. Levaram-no para fora da cidade e enquanto rodavam por ruas desertas falavam repetidas vezes:

__ Reza porque você vai morrer; começa a rezar.

Nesta vez não morreu porque, na realidade, ele lhes interessava mais vivo que morto. Quiseram intimidá-lo e na sua pessoa intimidar a quem consideravam seus inimigos. “Foram horas de pânico total”. Confessou. O jornalista ao ser libertado trouxe consigo um recado: o próximo a ser seqüestrado seria J. Menezes, também locutor de rádio que estava divulgando os crimes dos esquadrões da morte e exigindo para eles medidas mais duras. Três meses antes do seqüestro de Paulo Dias haviam dado um golpe espetacular, o mais audacioso até então, arquitetado por um grupo de extermínio do país, um calculado golpe político.

Em uma operação cuidadosamente planejada, foi seqüestrado Luís Tenderine, presidente da Comissão de Justiça e Paz de Pernambuco. Era um insulto direto à Igreja Católica que era vinculada à Comissão. Além de seqüestrá-lo, torturaram-no.

__ Os seqüestradores não se mostraram nervosos em nenhum momento. Não estavam drogados, eles sabiam o que estavam fazendo __ analisa Tenderine.

Tenderine, de origem italiana, vivia no Brasil há mais de 20 anos, militante do movimentos obreiros e organizações dos direitos humanos, assumiu em 1988 a presidência da Comissão de Justiça e Paz. A Comissão vinha denunciando, sem nenhum resultado, os crimes dos esquadrões. Mesmo que, apesar da aparente boa disposição do governador Miguel Arraes e do secretário de segurança, Almeida Filho, nenhuma medida concreta teria sido tomada a respeito. A Comissão decidiu intensificar a pressão e Tenderine concedeu uma entrevista à imprensa local. No dia seguinte apareceu a notícia publicada no “Jornal do Comércio” com a seguinte manchete: “Justiça e Paz quer punição para os esquadrões”.

Depois da entrevista começou a receber ligações anônimas. A primeira se referia aos seus cinco filhos:

__ É bom tomar cuidado. Gosta muito dos seus filhos.

Em outra ocasião a voz lhe advertiu que a Comissão Justiça e Paz “estava passando dos limites”. Tenderine preferiu ignorá-los, segundo disse em algumas entrevistas realizadas depois do seqüestro:

__ Para falar a verdade não dei muita importância aos telefonemas anônimos. Outros presidentes da Comissão sofreram as mesmas ameaças.

Desta vez as ameaças passaram aos fatos. Num sábado, às 21h: 30m. quando estava descendo de seu carro, entraram dois indivíduos empunhando um revólver, um deles se apossou do volante e o outro se acomodou no banco traseiro, lhe arrancaram os óculos; Tenderine identificou-se como presidente da Comissão Justiça e Paz.

— Nós também somos da justiça, fazemos justiça do nosso jeito. Levaram-no para dar voltas por estradas de terra desertas. Enquanto corriam, um deles ia fazendo queimaduras nele com um cigarro aceso, por todo o corpo e principalmente na cabeça. Pararam o carro em um descampado e falaram-lhe: — Vamos te deixar aqui, o que fizemos é um aviso. Estamos avisando a você e a igreja para nos deixar em paz, parem com essa investigação ridícula!

Era óbvio que sua morte não lhes interessava, os próprios sequestradores lhe disseram: — Não vamos te matar porque você está muito unido à igreja e se te matamos te transformamos em um herói e nós não queremos que seja um herói. Finalmente o abandonaram sem roupas em uma valeta. Foi obrigado a andar a pé em busca de ajuda. Este fato traumatizou ao presidente da Justiça e Paz, mas acabou sendo um elemento positivo na luta contra as ações dos grupos de extermínio. Foi feita uma maior pressão ao governador, a quem se exigiu a inclusão desta realidade como uma das prioridades de seu governo. Neste contexto nasceu o “Movimento pela Vida” no integraram-se todos os movimentos populares de Pernambuco.

O compromisso do governador com os grupos que ajudaram na sua eleição se traduziu na designação de um delegado e um fiscal dedicados especificamente a investigar a atuação dos esquadrões. Os crimes não acabaram, mas alguns grupos foram desarticulados, não só pela ação policial, mas também pelas denúncias dos próprios companheiros capturados. Um deles citou nomes e isso provocou a guerra entre diversas gangues. Houve queima de arquivo, alguns morreram antes de depor. É a lei desses assassinos. Quem tem informação e pode vir a falar, deve morrer antes que isso aconteça.

A irmã Ana Maria que trabalhava na região paulista de São Bernardo, era uma das que tinham muita informação a esse respeito e por isso era considerada inimiga número um de todos os grupos de extermínio. Ela presenciou um assassinato a sangue frio praticado por “Esquerdinha” o “justiceiro” mais conhecido da região. Chamavam ele assim devido a estranha coincidência de que todos os carros policiais em que andava ter a lateral esquerda amassada. Antes de ser famoso no ABC trabalhou como trapezista e malabarista em circos humildes.

Um dia do mês de janeiro, de 1988, a irmã observou um carro da polícia civil parar em frente a uma casa pequena, no Parque das Esmeraldas. Lá vivia um jovem suspeito de ter

cometido alguns crimes. Segundo o testemunho da irmã Ana, que chegou a escrever um relato minucioso do fato, embora não o assinou. Os policiais, a mando de Esquerdinha, entraram na casa, puxaram o rapaz e ali mesmo, diante de sua mãe o fuzilaram. De nada adiantaram os gritos dela pedindo clemência.

— Procurei obter informações sobre a vítima, sua família me assegurou que o rapaz era deficiente mental e isso foi constatado pelos laudos médicos.

São cenas horríveis que, infelizmente, a gente é obrigada a ver. O rapaz foi assassinado na frente da sua própria mãe. Desde então ela passou a ser constantemente molestada. No início de abril daquele ano, enquanto conversava com seus amigos, alguns integrantes do grupo “Esquerdinha” passeavam com suas armas no meio da rua.

— Quando me retirei, após ter dado dez passos, dispararam um tiro pro alto. Por um momento parei. Depois continuei andando. Deram um segundo tiro. Passaram o dia inteiro rondando minha casa. Depois disto sempre passavam apontando suas armas como se fosse por brincadeira.

Convivia com o medo de sofrer um atentado ou um sequestro. Em 13 de junho desse ano, a irmã Ana estava em uma festa popular organizada por grupos da igreja, na hora de ir embora uma pessoa do grupo de “justiceiros” aproximou-se dela pedindo que o acompanhasse para socorrer alguém que precisava de ajuda. Desconfiada, negou-se:

— Não posso, meu carro está sem gasolina.

O indivíduo respondeu:

— Não se preocupe, abastecemos seu carro.

Os amigos ali presentes aconselharam a irmã Ana a não acompanhar o dito indivíduo, orientando-a que voltasse imediatamente para casa ou que se escondesse na casa de algum amigo.

— Sai imediatamente com as outras irmãs. Voltamos no dia seguinte e soubemos que aquele indivíduo passou várias vezes na frente da casa.

A irmã Ana denunciou esses fatos às autoridades em 6 de junho, a resposta dada pelo juiz de São Bernardo, Dalmas Santos, foi que não podia fazer nada ou quase nada, que já conhecia as atividades de “Esquerdinha”, todavia, não contavam com recursos legais para atuar. O juiz alegou que conhecia os métodos arbitrários e as ações violentas de “Esquerdinha” desde quando este era motorista da polícia e assustava o pessoal da favela com ameaças. O próprio juiz o proibiu de frequentar as delegacias, já que era funcionário da prefeitura e não estava vinculado a nenhuma delas.

__ Existem duas alternativas. Disse o juiz à irmã e suas acompanhantes. __ Continuar na mesma situação que estamos ou levar adiante uma denúncia com a certeza de morrer em qualquer esquina.

O deputado Expedito Soares, do Partido dos Trabalhadores, que tem seu comitê eleitoral no ABC, recomendou a máxima cautela em relação a “Esquerdinha”, a quem considera, como o juiz Dalmas, altamente perigoso. Expedito recorda que havia feito umas críticas muito duras à fragilidade do sistema de segurança. Um belo dia estava na prefeitura de São Bernardo e recebeu um telefonema de “Esquerdinha” comunicando-lhe algo que supunha ser de total agrado do deputado: acabava de matar um bandido perigoso a quem chamavam de “Tarzan”.

“Esquerdinha estava num carro empunhando uma metralhadora quando viu “Tarzan” se aproximando e supôs que ele iria assaltar uma casa. Não pensou duas vezes, aproximou-se dele e disparou-lhe uma rajada. “Tarzan foi encontrado uma semana mais tarde, abandonado em uma vala.

“Esquerdinha” nega que seja um “justiceiro”. Afirma que sua imagem é distorcida por seus adversários políticos, mas admite ter matado muita gente. Não sabe quantos, perdeu a conta. Mas sempre em tiroteio.

__ Não quero matar ninguém, mas também não quero morrer.

Afirma.

A irmã Ana Maria, porém “estava marcada para morrer”. A igreja tinha documentos escritos sobre o assunto que fez o próprio governador Orestes Quécia e seu secretário de segurança interessar-se pelo caso. A irmã continuou denunciando casos como o de um grupo de “justiceiros” de São Bernardo que deram um tiro, sem conseguir acertar, num menino que estava soltando uma bombinha. Ela selecionou dados sobre a suspeita mais que fundada de que policiais de Diadema, município vizinho de São Bernardo, estavam formando grupos de extermínios semelhantes ao de “Esquerdinha”.

As investigações às denúncias apresentadas pela irmã não eram aprofundadas e não se concluíam. Impressionado com a ousadia e com a impunidade dos “justiceiros”, o padre Agostinho que trabalhava na pastoral carcerária da diocese de São Bernardo, hoje situada na diocese de Ribeirão Preto, decidiu encontrar-se com um antigo amigo seu que ocupa atualmente um alto cargo na polícia civil.

__ Por que a demora? Todo mundo sabe quem são os justiceiros.

O padre notou que o funcionário estava incomodado, dando explicações não convincentes. Até que finalmente lhe confessou:

__ Escuta, Agostinho, o problema é que a polícia não tem nenhum interesse em investigar. Acreditamos que o melhor é desistir. Esses justiceiros, quando capturam um marginal, estão colaborando e ajudando a polícia.

Aquela conversa franca convenceu ao padre Agostinho que a irmã corria mais perigo do que suspeitava. Um incidente confirmou essa convicção. Voltando de ônibus para sua casa a irmã presenciou, ali mesmo, uns “justiceiros” espancando um menino. Ao reconhecê-la empurraram-na agressivamente, o que a obrigou a descer do ônibus. Cada dia se sentia mais insegura.

__ Nunca se sabe o que pode acontecer. Existem psicopatas nesses grupos. Podem matar a qualquer momento __ comenta o padre Agostinho, que vive hoje em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. O ex-dirigente da Pastoral Carcerária aconselhou a irmã a ir embora para outro país “antes que fosse tarde”. Agora está na Itália.

O padre Agostinho suspeita do equilíbrio emocional dos “justiceiros”. Um deles acabou preso. Não por matar um marginal, mas sim um militante do PT, José Martins dos Santos, “Canarinho”, assassinou o carpinteiro Joildes Alvarenga Valadão, em plena reunião do Partido dos Trabalhadores – PT, na favela Pai Heroi, em São Bernardo.

__ Este homem me provocava a muito tempo. Não perdia a oportunidade de ficar olhando para minha mulher. Quando me falaram que havia ficado com ela outra vez, decidi que iria acabar com ele.

Foi numa reunião do PT, diante de cinquenta pessoas. Disparou cinco vezes.

Na prisão, “Canarinho” concedeu uma entrevista ao *Jornal do Brasil* na qual confessou que havia vindo a São Paulo em busca de trabalho para poder pagar um tratamento médico: __ Era muito nervoso, maltratava todo mundo em casa e não vivia sem agredir alguém __ Esse fato confirma a teoria do padre Agostinho sobre o desequilíbrio emocional dos “justiceiros”.

Se governadores, advogados, religiosos e outras pessoas que contam com apoio da sociedade, se sentem impotentes na hora de enfrentar os grupos de extermínio ou aos policiais corruptos que abusam do poder, podemos imaginar o que sentem as vítimas em potencial, os meninos, desprotegidos, sem contato com o poder, sem acesso aos meios de comunicação e nem sequer têm uma roupa decente para apresentar-se em público ou entrar em uma sala da Administração. O medo faz com que as pessoas se caleem, dificultando ainda mais o trabalho de investigação sobre extermínios ou torturas praticados pela polícia. Todos eles conhecem perfeitamente o sentido que tem a expressão “queima de arquivo”. A “queima de arquivo” é algo muito frequente na ação de extermínio de menores. Estes meninos que às vezes têm sido

recrutados pela própria polícia e que de fato convivem com ela num mesmo espaço, mantêm contatos muito estreitos e acabam conhecendo-se mutuamente. Os meninos, muitas das vezes, conhecem os nomes dos policiais assassinos e dos bandidos envolvidos em crimes. Um belo dia o menino aparece morto, a comunidade se sente aliviada e com admiração pelos esquadrões da morte que estão “limpando” a cidade dos indesejáveis. Na prática o menino é eliminado porque sabia demais e isso é muito perigoso. Os policiais que protegem essas quadrilhas aplicam a Lei do Silêncio para preservar seus protegidos de qualquer delação.

Um dia do mês de fevereiro de 1988, por volta da meia noite, duas pessoas chamaram na porta de um casebre, no município de Duque de Caxias, próximo de Nova Iguaçu. Apresentaram-se da maneira tradicional:

— Abra, é a polícia!

A porta foi aberta por Maria Helena Mendes, assustada com a presença dos policiais. Estes lhe disseram que vieram buscar seus filhos: Fernando e Aldenir para levá-los à delegacia de menores. Tiraram eles a força e os levaram. Depois que levaram seus filhos, a mãe desesperada chamou os vizinhos e foi até a delegacia. Como se temia não estavam lá, não os encontrou em nenhuma parte. Na manhã seguinte, uma vizinha apavorada veio dar uma notícia: próximo de sua casa havia dois cadáveres cravados de bala e queimados. Eram eles. Estes adolescentes não tinham nenhum registro policial como delinquentes. Os dois trabalhavam lavando carros, livres de qualquer suspeita, a não ser pela coincidência do serviço de lavagem ser em frente a uma delegacia de policia de Duque de Caxias e os rapazes viam durante todo o dia o movimento de entrada e saída da delegacia, simplesmente por isso acabaram sabendo de muitas coisas; como confirmava sua mãe, sabiam demais.

Um jovem de São Bernardo, que usa cadeira de rodas, tem uma informação muito importante sobre as atividades e métodos desses grupos. Junto com dois amigos seus, foi sequestrado e torturado pelos “justiceiros”. Os dois amigos morreram em sua presença e ele também foi dado como morto, mas estava fingindo. Consegui escapar após ter sido abandonado junto aos corpos de seus amigos. Salvou sua vida, embora tenha ficado parálítico. Apesar de movimentar-se em cadeira de rodas, em setembro de 1989 participou do “Encontro Nacional dos Meninos de Rua”. Na ocasião deste acontecimento foi entrevistado por um jornalista, o qual, ainda omitiu em sua reportagem o nome e o endereço do rapaz, o descreveu, já que ninguém o advertiu o contrário, como um parálítico que andava em cadeira de rodas. Em São Bernardo o identificaram imediatamente por este detalhe e houve a necessidade de tirá-lo da cidade e levá-lo para viver num povoado escondido do interior de São Paulo.

Algo parecido aconteceu em Pernambuco. No dia quatro de outubro de 1989 foram sequestrados em suas respectivas casas Darío da Silva, de quinze anos e seu amigo Luís Adriano, de dezesseis. Arrancaram Darío do quarto onde dormia com quatro irmãos menores. A mãe tentou desesperadamente evitar o sequestro, mas os homens diziam que o rapaz fazia parte de uma gangue criminosa, tiraram-no a força e o introduziram em um carro branco, modelo “fusca”, ocupado por três homens armados por uma escopeta de calibre 12. Era uma operação característica do Esquadrão da Morte.

Uma ação da mãe acabou desbaratando o plano dos sequestradores. Ela entrou em contato com o S.O.S Criança e imediatamente um plano foi montado. Fizeram uma ronda por diversas delegacias de Recife. Conversaram com o diretor do Departamento de Polícia de Menores, este entrou em contato com a Delegacia de Roubos e finalmente descobriram que, apesar de ser menor, Darío estava encarcerado junto com oito rapazes. Colocaram-no em liberdade e o entregaram a sua mãe. Estava assustado e andava com muita dificuldade, pois estava com os pés machucados.

Quando voltou para casa, Darío informou que entre seus companheiros de cela estava Adriano, sequestrado junto com ele pelos três homens do carro branco. As mulheres do S.O.S Criança insistiram com a mãe de Adriano que fosse buscá-lo como havia feito a mãe do amigo.

No dia seguinte tentaram saber como estava a situação. Souberam que Darío estava bem e Adriano havia conseguido, junto com seus companheiros de cela, fugir pelo telhado da prisão. A mãe de Adriano informou ao S.O.S Criança que ele havia se escondido na casa de uma amiga sua e estava bem. A julgar pelos fatos essa situação não era tão favorável como acreditava a mãe e, além disso, durou pouco tempo. No dia treze do mesmo mês, nove dias depois de ter sido sequestrado, o encontraram morto com o corpo crivado de balas e com sinais claros de ter sido torturado. Seu amigo Darío vive com medo, pois sabe que devido ao fato de ter sido testemunha/vítima de sequestro, transformou-se em “arquivo vivo” e segundo as regras deve ser eliminado. Não é seguro ele viver em Recife, mas não tem para onde ir. As mulheres do S.O.S Criança proporcionam-lhe esconderijos, mas ninguém sabe até quando isso vai ser possível.

O caso de “Pingo” é semelhante ao do jovem paralítico de São Bernardo, ou ao de Darío. “Pingo” vivia em Peixinhos, um bairro da periferia de Recife, e foi sequestrado por membros dos esquadrões. Ao saber da notícia, os líderes comunitários do bairro agiram com rapidez denunciando o fato diretamente ao Conselheiro de Justiça, Roberto França, conhecido militante das organizações pro direitos humanos. O conselheiro convocou pessoalmente as

delegacias até descobrir onde estava. Ordenou categoricamente que soltassem o menino e o trouxessem a sua presença.

“Pingo” se salvou. Segundo seu próprio testemunho, cobriram sua cabeça com uma sacola de plástico para conduzir-lhe a uma rua deserta ou a um descampado, onde haveriam de fuzilá-lo. Agora “Pingo” só aparece a Peixinhos clandestinamente com medo de ser reconhecido por algum membro dos Esquadrões e ser vítima de “queima de arquivo” Ainda se conta que “Pingo” jamais revela o nome de seus sequestradores, seguindo a implacável “lei do silêncio”.

— Estou cansado de ver os meninos que chegam com os corpos destroçados, sangrando, cheios de feridas e hematomas. Pergunto-lhes o que aconteceu ou quem lhes fez isso e me respondem que estavam jogando bola e caíram no chão, ou inventam uma história parecida, mas todos sabemos que foi a polícia quem lhes maltratou, afirma Rafael.

Rafael Idlenkofer é um jovem alemão que deixou sua agradável cidade, Karlsruhe, no sul da Alemanha, para trabalhar como educador de meninos de rua do nordeste brasileiro, primeiro em Alagoas e agora em Pernambuco. Rafael, que invariavelmente veste jeans, camiseta, sandálias de couro e faixa na cabeça, sobrevive com a ajuda de seus amigos alemães, militantes de movimentos religiosos. Rafael assegura entender as razões destes meninos para ocultar os nomes e sobrenomes, assim como o lugar em que trabalham os exterminadores.

— Têm medo de dar nomes. Sabem que depois ficarão desprotegidos. E se encontrarem nas ruas com os denunciados, ninguém, absolutamente ninguém pode protegê-los. — Comenta Rafael.

Em Pernambuco, os grupos de extermínio formados por policiais têm tal grau de organização que conseguem manter informantes dentro da própria Fundação do Bem Estar do Menor – FUNABEM. O mais trágico é que esses informantes são funcionários da FUNABEM e os internos são os que avisam aos exterminadores quando os jovens saem da Fundação. Ocasão em que alguns são executados como ocorreu com vários meninos que haviam sido entrevistados em uma reportagem da “TV viva”.

Almeri Bezerra de Melo, presidente da Funabem de Pernambuco, antigo consultor da UNICEF e também presidente do Centro Interuniversitário de Estudos da América Latina, Ásia e África conhece essa realidade e inclusive tem sérias suspeitas sobre quem são os que mantêm esse vínculo com os esquadrões, mas reconhece que existem obstáculos.

__ Para chegar a um funcionário é preciso um processo e para o processo é necessário que haja testemunhas. Nenhum menino vai servir de testemunha porque depois o matam __ lamenta Almeri.

O padre franciscano Mário Arruda Terra, pároco da igreja Nossa Senhora de Fátima, construída no ponto mais alto da favela Morro de Cantagalo, em Ipanema, uma das praias mais sofisticadas e conhecidas do Rio de Janeiro, é testemunha de dezenas de casos de violência contra os meninos e também conhece de perto o silêncio da violência. De aspecto bem frágil, baixo, magro, usando óculos de grau e vestindo quase sempre bermuda e camiseta o padre Mário é conhecido pelos meninos e pelos habitantes do morro como o “companheiro”. É respeitado por todos, inclusive pelos marginais da região. Mantém uma política de boa vizinhança com as diversas quadrilhas. O poder aqui está nas mãos do “Quartel General”, que controla o tráfico de drogas em Ipanema, A violência neste como em outros morros não é somente entre policiais e marginais, mas também entre os próprios marginais, já que, é uma constante a guerra entre quadrilhas.

O padre Mario luta para preservar sua igreja e para que deixem seus meninos em paz. Um desses meninos, Patrício Hilário da Silva, de nove anos, participante assíduo das atividades paroquiais desapareceu no dia 1º de maio. Não demorou para que o encontrassem. Havia sido estrangulado e junto com seu corpo abandonado na praia estava a inscrição: “te matei porque não estudas, nem faz nada de proveito para o futuro.”.

O “Companheiro” nos contou que no último dia do ano passado sua casa estava cheia de meninos dispostos a despedir do ano velho e saudar o ano novo. Lá no alto do morro, com uma vista privilegiada, iam contemplar o maravilhoso espetáculo de fogos artificiais e foguetes que eram lançados aos milhares nesta noite em toda orla marítima. Quando começaram a estalar os primeiros foguetes e os meninos se dispuseram a sair de casa, um deles, o menor, se negou:

__ Não quero ir.

__ Vem. Disse-lhe o padre. São muito bonitos os fogos e você vai gostar.

__ Tenho medo que me dêem um tiro.

O menino estava convencido de que o barulho que ouvia era de um verdadeiro tiroteio, algo que faz parte de seu dia-a-dia.

__ A violência é para eles algo tão rotineiro como ver água, comenta o padre.

O medo de denunciar os agressores torna extremamente difícil a luta contra a violência. Em outubro de 1989, conta o padre Mário, um rapaz a quem chamavam de Macarrão, frequentador assíduo da igreja, foi agredido por policiais, espancaram-lhe durante

dez minutos e o abandonaram estendido no chão sangrando. Várias pessoas presenciaram a agressão, mas ninguém se atreveu a fazer nada. Depois de receberem a propina pela pancadaria os policiais entraram num bar para tomar cerveja. Quando eles foram embora, os amigos de “Macarrão” recolheram-no todo machucado e foram em busca de cuidados médicos.

__ Não quer fazer uma denúncia na Ordem de Advogados do Brasil – OAB? __ perguntou o padre Mário.

__ Não. Da próxima vez não vão se contentar em me pegar. Vão me matar.

Mesmo quando existem denúncias contra policiais, dificilmente prosperam. Carlos Bezerra, educador do “Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua” foi testemunha do seguinte fato: um menino havia sido espancado e borrifaram éter em seus olhos. O lugar dos fatos foi nada menos que a Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro.

Os policiais que cuidam da segurança da Catedral costumam permanecer no interior da sacristia. Para lá conduziram e maltrataram o menino que tinham capturado perambulando pelas proximidades. Alertado sobre os fatos por outros meninos, Carlos Bezerra e Zulmira Gomes se dirigiram para a Catedral, onde encontraram o menino retorcendo-se com os olhos vermelhos e inchados. Carlos e Zulmira recolheram-no e denunciaram o fato na polícia militar. Foi aberta uma investigação que durou seis meses. No final deste período eles foram convocados para um encontro com os policiais responsáveis pela investigação. Estes lhes pediram que, por favor, esquecessem o caso e advertiram:

__ Não é perigoso para vocês, mas sim para os meninos. Vão se vingar deles.

A investigação foi arquivada e o caso esquecido. Perdeu-se entre as centenas de agressões em que, diariamente, são submetidos os menores nas grandes cidades. Agressões cometidas não somente nas ruas, mas também no interior das delegacias de polícia, praticadas pelos próprios policiais ou por guardas de segurança de empresas privadas empenhados em afastar das empresas e estabelecimentos, todos os meninos e meninas que andam pelos arredores. Estas agressões constituem apenas uma parte de um contexto mais amplo. Manter distante, a qualquer preço, não só os “infratores”, mas também a todos que podem ser “possíveis infratores”. O extermínio é essa tentativa levada ao extremo.

O carro da carrocinha

Quando a psicóloga Ana Vasconcelos começou a trabalhar com as meninas prostitutas de Recife ficou intrigada ao ouvir pela primeira vez uma expressão desconhecida para ela e sinônima de aborto. De fato era uma palavra estranha: “pezada”. Havia escutado meio

distraída, a conversa de duas meninas. Uma delas contava que tinha abortado há uns dias ficando em fim livre de uma gravidez que espantaria os clientes na rua.

__ Como fez isso?

Quis saber a companheira.

__ Foi com “pezada”.

Respondeu.

Ana aproximou-se curiosa e perguntou:

__ O que é “pezada”?

Pezada é receber um forte pontapé na barriga. A psicóloga estremeceu. Segundo a menina, era um método fácil e seguro de fazer um aborto. Não eram necessários os serviços de um médico ou parteira. Bastava encontrar alguém que estivesse disposto a dar a patada, o que não era muito difícil.

__ Passei algumas noites sem dormir quando me contaram a história da “pezada”.

Recorda Ana Vasconcelos, que desde então trabalha em Recife tentando recuperar as meninas prostitutas não somente com tratamento psicológico, mas também tentando formar mão de obra especializada. Montou uma instituição chamada “Casa de Passagem”, onde meninas prostitutas, algumas com apenas nove anos, reúnem-se, recebem alimentação, aprendem alguma profissão e discutem seus problemas com as psicólogas.

Com o tempo fiz algumas averiguações sobre o termo “pezada”. Os médicos que atendem as emergências, em hospitais públicos, informaram que muitas das meninas que recebem o dito pontapé na barriga, afetadas por graves infecções e hemorragias, precisam ser internadas imediatamente. Sabem também que este método estava muito difundido entre as prostitutas de Recife por ser o mais barato.

Entrevistando prostitutas que frequentam a “Casa de Passagem” foi descoberto que muitos policiais de Recife provocaram vários abortos com “pezada”. Encontravam-se na rua com uma prostituta grávida e davam-lhe um pontapé na barriga.

__ Nunca conseguirei entender a fixação de muitos policiais em dar patadas na barriga de meninas grávidas. É a raiva que aflora do subconsciente absolutamente tenebroso.

Analisa Ana.

O trabalho das psicólogas da “Casa de Passagem” é muito difícil. A maioria das meninas carrega traumas de infância que continuam sendo reforçados no presente, e o que é pior, essas meninas pensam que o futuro será mais traumático para elas. Vivem com a ideia fixa de que a rejeição e a agressão são ingredientes naturais do dia-a-dia e, por isso reagem sempre com violência alimentando o círculo vicioso. As prostitutas que frequentam a “Casa

de Passagem” afirmam que jamais saem nas ruas sem estarem armadas. Sua melhor arma é uma lâmina de cortar, que com grande maestria guardam no canto da sua boca, sempre preparadas para qualquer imprevisto.

As jovens entrevistadas pelas psicólogas contam algo que é comum entre a maioria das prostitutas deste país, o fato de haver sido violentadas, algumas em sua própria casa, por parentes, inclusive pelo pai. O exercício da prostituição as submete aos mais variados tipos de crueldade. As entidades assistenciais que trabalham com prostitutas no Brasil guardam registros de todos os tipos possíveis de perversidade sexual. Na instituição dirigida por Ana Vasconcelos tem uma menina que foi violentada pela primeira vez quando tinha três anos, ocasião em que foi submetida a uma intervenção cirúrgica para costurar os estragos feitos.

Uma dessas meninas formulou a seguinte pergunta:

— Não seria possível que eu voltasse a nascer de novo?

Por trás dessa pergunta permanece oculta a convicção de que nesta vida todas as possibilidades foram esgotadas. As pessoas que cuidam dessas meninas tentam por todos os meios estabelecer vínculos afetivos com o objetivo de retirá-las da prostituição e inseri-las na sociedade. Trata-se nada mais de que romper o círculo vicioso da violência e da agressão, tarefa nada fácil, caminho repleto de idas e vindas. É muito comum que a construção da “ponte” seja dinamitada antes da conclusão. Quando a pessoa está avançando surgem barreiras e as fortes pressões. Os “cafetões” não se conformam com a ideia de perder sua “protegida” e começam as ameaças. Enfim, temem que sua fonte de renda se acabe. Contudo, as coisas se complicam mais quando mantêm alguma ligação com o tráfico de drogas, o que é comum, pois as meninas são utilizadas como “informante” ou “mulas” e elas, por sua vez, utilizam as menores.

O trabalho realizado na casa de passagem, é com frequência neutralizado pela realidade das ruas onde as prostitutas têm que enfrentar a agressividade dos clientes e também a dos policiais. Ana Vasconcelos, que conta com o apoio dos familiares, políticos influentes, não se cala e quando é informada de que uma jovem foi agredida por um policial, registra a ocorrência e inclusive acompanha a vítima num encontro com o agressor a quem recrimina duramente.

— Sempre lhes digo: escuta está agredindo a ti mesmo, esta menina poderia ser tua filha ou tua mãe.

Também tem a paciência de ouvir o policial justificar-se dizendo que ele está convencido de fazer o que a sociedade espera dele: que evite a presença de marginais na rua. Quem anda à noite pela rua, com cara de pobre, só pode ser um vagabundo e aos vagabundos

temos que dar o que merecem. Neste contexto nasce a agressão aos meninos que dormem na rua, porque são vagabundos e se são vagabundos devem ser ladrões e os ladrões nós precisamos eliminá-los. A violência contra as meninas é quantitativamente menor porque nas ruas existem mais meninos que meninas e, além disso, elas contam com a alternativa de vender seu corpo e isso, além de fazer-lhes ganhar dinheiro lhes garantem de alguma maneira uma habitação oferecida pelo cafetão ou pelo prostíbulo. Por essa razão o roubo é menos frequente entre as meninas, que em contrapartida são as vítimas preferidas da agressão sexual.

Ana Vasconcelos conta que algumas meninas no acabam entrando no círculo do roubo porque não suportam o mundo da prostituição, ainda que de momento, é uma prática incipiente. Mark Lusk, assistente social da Universidade Estadunidense de Utah, desde 1986 estuda a problemática dos meninos de rua no Rio. Quando começou sua investigação, 90% dos entrevistados eram meninos, mas progressivamente o número de meninas vai aumentando.

A “Casa de Passagem” é apenas um dos cenários onde se relatam casos de violência policial. Uma das formas de violência mais comum é a extorsão praticada contra os meninos, quando eles entregam dinheiro para os policiais podem ficar livres. O que é um estímulo à delinquência. Um dado curioso, a cada cem meninos entrevistados por assistentes sociais da delegacia de menores de Recife, trinta responderam que se fossem maiores gostariam de ser policiais. A extorsão e a venda de proteção são práticas habituais, segundo temos constatado pelos testemunhos fornecidos para este livro por parte dos meninos e educadores. Prática que, certamente, não afeta somente os menores. É evidente que o fato de que as principais quadrilhas do país dedicadas ao roubo ou ao tráfico de drogas têm contatos com policiais e isso paga-se com dinheiro.

Carlos Bezerra, educador do “Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua” está cansado de ver a cobrança de dinheiro aos meninos. Um deles cansou-se e dizia:

__ Se não tiver nada para me dar vai para a delegacia.

No *dossiê* preparado pelo departamento da pastoral do menor da Diocese de Duque de Caxias com declarações das vítimas ou testemunhos de violência, o qual por motivos óbvios omitem-se os nomes, aparece com frequência a prática de extorsão por parte dos policiais. Na declaração número dois, um jovem afirma:

__ Os policiais ameaçam a gente e nos mandam roubar. Se não roubamos para eles, querem nos matar.

O mesmo tipo de acusação aparece na declaração número sete, de um menino de treze anos:

— Espancam a gente. Quando a gente tem dinheiro somos obrigados a lhes dar. Fazem-nos roubar para eles. Uma vez um PM me pegou dentro de um *shopping center* e me deu uma surra. Além disso, me tomou quinhentos cruzeiros. Eu só tinha quinhentos cruzeiros, que eram para comprar um pacote de biscoitos para revender. O PM me tirou os quinhentos cruzeiros e me mandou roubar mais para ele. Não me atrevo a denunciá-lo porque tenho medo dele me dar um tiro.

Ana Vasconcelos costuma enfrentar os policiais que espancam suas meninas. Porém, de tanto conversar com eles, se mostra compreensiva: eles mesmos são resultado da crise social, ganham muito pouco, não conseguem esticar o dinheiro até o final do mês, vivem sob grande *stress*. Sentem-se oprimidos e acabam vingando essa opressão em quem podem.

Não obstante e ainda levando em consideração toda a compreensão do mundo, a verdade é que os meninos e meninas de rua correm o maior perigo, estão sempre sob suspeita. Alguns governos de estado promovem operações de recolher, retirando-os, com o uso da força, das ruas. Alguns são conduzidos às delegacias de menores onde passam a noite. Outros são levados ao juizado de menores e, de acordo com os casos, são internados nos centros da FUNABEM. Não faltam documentos e testemunhos questionando a eficácia desses centros de recuperação, existem fundadas suspeitas baseadas em indícios sólidos de que essas instituições que recolhem menores contribuem para colocá-los em contato com o crime ingressando em quadrilhas. Estimulam a violência, já que é prática comum nesses locais uma disciplina mantida com agressões, em pouco tempo os meninos voltam às ruas e, muitos deles, piores do que quando entraram.

O sociólogo Deodato Rivera, que tem estudado minuciosamente o tema violência com menores diz que o estado está realmente produzindo delinquentes. É o efeito, afirma, do “Carro da carrocinha”.

Em 1960, quando Deodato era jornalista do *O Globo* no Rio de Janeiro, a cidade bateu o recorde mundial de mortes humanas causadas pela raiva transmitida por cachorros, as principais vítimas eram os meninos pobres, menos protegidos dos ataques dos animais. Como solução o governo pôs em circulação o carro da carrocinha. Todo cachorro andando solto pela rua era suspeito de transmitir raiva e, por isso, era recolhido e levado para um depósito. Se em 48 horas o dono não se apresentasse o cachorro era sacrificado. O incrível era que ao mesmo tempo em que crescia o número de cachorros recolhidos e posteriormente sacrificados, crescia o número de pessoas que morriam em consequência da raiva. Deodato decidiu iniciar uma investigação jornalística sobre esta circunstância.

Auxiliado por especialistas, não demorou muito para elucidar o enigma. Bastou acompanhar a trajetória do cachorro desde que ele era recolhido. Observou-se que já no carro e depois no depósito juntavam e misturavam os que tinham raiva com os que não tinham, os últimos eram contaminados pelos primeiros. Quando os donos iam resgatar seu cachorro, levavam um animal contaminado pela raiva, o próprio governo, com essa prática estava contribuindo com a disseminação da raiva.

__ Isso é exatamente o que acontece com os meninos.

Comenta Rivera.

__ Quando são internados em centros onde se obriga os meninos inocentes a conviverem com os delinquentes. Os meninos são ensinados pelos guardas e pelos maiores assimilando a chamada “ódioatividade”. Dessa forma, na sequência estão preparados para o crime.

Ivanir dos Santos, na atualidade funcionário da Funabem e durante seis anos presidente dos ex-alunos da tal entidade, passou a maior parte da sua vida nessa instituição, por ser filho de uma prostituta delinquente e não por ser delinquente. Sempre denunciou a violência praticada contra os internos.

É taxativo:

__ Esses centros não ajudam praticamente em nada na reinserção.

Não é por acaso que, em todo o país, se multipliquem as fugas desses centros. A.J.L. que vive em Duque de Caxias conta:

__ Apanhávamos por qualquer coisa. Surras dadas com chicote.

Não é só a violência do funcionário. Os maiores descarregam a sua raiva nos menores, nos mais fracos. Violência de todo tipo, inclusive sexual. Um menino de São Paulo conta que fugiu do centro por esse motivo:

__ Fiquei quatro dias e depois fugi. Pegaram-me ali e nem se que permitiram que eu tomasse banho com tranquilidade, os meninos maiores me provocaram, queriam abusar sexualmente de mim.

Estes relatos ilustram o efeito “carro de menores”. Deodato Rivera quis reproduzir sua experiência e aplicar seu método de observação, não mais com cachorros, mas sim com os meninos, vivenciando o que acontece nos centros de acolhimento.

__ Foram os dias mais terríveis da minha vida.

Afirma.

Escolheu como ponto de observação a delegacia de menores de Brasília, onde permaneceu, ininterruptamente, durante quatro dias, de 4 a 8 de dezembro de 1987. Saía na rua somente para observar como os meninos eram detidos e conduzidos à delegacia.

Alguns fatos o impactaram profundamente, como o de uma adolescente com sinais evidentes de deficiência mental que foi conduzida à delegacia. Havia sido encontrada na rua por uma professora.

— Em vez de ser levada para um centro de assistência médica, foi “enjaulada” por vagabundear pelas ruas.

Informa Rivera.

Em outra ocasião, ao visitar as celas onde estavam recolhidos os menores observou como um menino paraplégico, com sonda na barriga, incapaz de controlar suas necessidades fisiológicas, estava abandonado em um canto, sentado no cimento frio.

Ao final dessa observação dos quatro dias, durante os quais, foi acompanhado por membros da Comissão de Justiça e Paz, organização vinculada à igreja católica, Rivera relatou sobre essa delegacia de menores:

- 1) As celas, ou jaulas, são imundas; o vaso sanitário é um simples buraco aberto no chão e com uma única descarga de água por dia;
- 2) As condições de iluminação e ventilação das celas são péssimas, propiciando a promiscuidade física e moral, expondo os detidos à infecções dermatológicas, gastrointestinais, respiratórias, doenças venéreas e à alterações nervosas em grau variável;
- 3) Não tem camas nas celas, nada para se cobrir, nem colchão, nem pia para se lavar, muito menos uma cadeira ou um banco. Os enjaulados dormem em um cimento frio, sujo e frequentemente molhado;
- 4) Durante a noite não dá para dormir devido ao pranto, as queixas e os gritos, às vezes, desgarrados dos detidos, especialmente daqueles que estão ali pela primeira vez, que não são delinquentes e dos adolescentes que ficam meses enjaulados, apodrecendo em um cativeiro degradante;
- 5) Para espantar os mosquitos, alguns presos queimam rolinhos de estopa ou papel de jornal levantando uma fumaça que provoca todo tipo de transtorno respiratório na maioria dos detidos;
- 6) As agressões sexuais são frequentes, entre os próprios meninos e adolescentes como também as crises de desespero e pânico que alguns sofrem;

- 7) Durante o tempo em que permanecem na delegacia de menores a lotação é tanta que chegam a amontoarem-se 25 meninos em uma cela feita para dois.

Rivera afirma que onde realmente se notam os efeitos do chamado “carro da carrocinha”, mais que na delegacia de menores é na denominada “papuda”, casa de detenção de maiores (estava escrito menores, achei por bem corrigir porque a papuda nunca foi local para menores) de Brasília. Rivera teve acesso a uma investigação que mostrava que pelo menos 80% dos que estavam ali haviam passado pelo “carro”, ou seja, foram internados ou enjaulados em alguma FEBEM, voltaram à rua e foram mais uma vez enjaulados e assim repetidas vezes.

Apesar do conhecimento desses fatos, toda tentativa de recuperar ou humanizar nestes centros, é inútil. A maioria dos que tentaram acabaram desistindo diante da força da opinião formada por amplos setores da sociedade favoráveis à detenção e confinamento dos meninos infratores. Itanna Viana, advogada e ex-diretora da Fundação de Assistência a Menores do Estado da Bahia, uma das pessoas que lutou por mudanças, foi tão acusada na sua tentativa que se viu obrigada a renunciar a seu cargo, mesmo tendo sido nomeada por indicação do governador Waldir Pires, um homem sensível à temática dos direitos humanos. Com o tempo, Itana perdeu o apoio político inicial.

Um de seus atos causou alvoroço entre a elite da Bahia. Entregou um formulário mostrando a incidência do HIV entre os menores internos e mandou distribuir preservativos. Em meio a uma efervescente polêmica e em um ambiente de indignação, o juiz de menores, Jefet Eustáquio, determinou a abertura de um processo acusando-a de estimular “a sexualidade entre os menores”. Setores da imprensa conservadora chegaram a insinuar em alguns artigos que ela estava levando para sua casa objetos da Fundação. Exigiam sua demissão.

O que realmente causou indignação não foram os preservativos, mas sim uma única decisão de Itana. Ela fez uma visita à Escola de Indústria e Agricultura de Menores de Maragogipe, no interior da Bahia. Para lá eram enviados jovens delinquentes, tanto os que matavam uma família quanto os que roubavam uma laranja. Ficou espantada com o que viu. Os meninos viviam em celas. Os banheiros estavam entupidos, muitas camas estavam juntas, poeira por todos os lados, na cozinha ratos e baratas; não tinha chuveiros em boas condições de uso. Recolhi informação sobre os mais variados tipos de tortura contra os internos. Muitos deles passavam anos em Maragogipe sem que ninguém os procurasse.

__ Não consultei a ninguém, admito. Mandei fechar. Aquilo não era lugar para ninguém viver. Quem quiser que o abra de novo.

Itana deixou o cargo. Todavia, ninguém teve coragem para abrir novamente a prisão de Maragojipe depois de todas as revelações.

Foi uma vitória para a advogada, mas sua imagem ficou afetada na elite baiana. Foi chamada de “louca” e “subversiva”. Ser qualificada assim é normal para os que pensam que a melhor saída, ou pelo menos a mais coerente, é que o infrator esteja o mais longe possível. Qualquer coisa que signifique proximidade física dos meninos passa a ser vista como uma ameaça.

O cidadão que anda pela rua não se preocupa com considerações sociológicas ou psicológicas, só quer andar pela rua sem ser assaltado, considerando ter mais direitos que o marginal por ser trabalhador e pagar impostos. Os políticos sabem que a segurança é uma das principais preocupações do povo. Nas grandes cidades acontecem “arrastões”, os meninos suspeitos são conduzidos, indiscriminadamente, à Delegacia de Menores ou ao Juizado. Em 1988, a Delegacia de Menores do Rio enjaulou como “vagabundos” 1.375 meninos e em 1989, esse número aumentou para 2.052.

Em Manaus, os grupos de meninos aumentam muito, principalmente nos bairros pobres. Lá são conhecidos como “galeras”. Organizam-se para roubar. Obviamente, a cidade está desprotegida, são necessárias medidas. O governador Amazonino Mendes viu sua popularidade cair por causa das “galeras” e pressionado, prometeu:

__ Vou acabar com as galeras.

Embora não tenha dito como.

A resposta prevista é tirar qualquer menor da rua numa operação batizada de “aspiradora”. Quem não pertencer às gangues __ e muitos não pertencem __ corre o risco de unir-se a uma delas.

__ Admito que não sei o que fazer. Esses jovens necessitam de escola e emprego. Não temos tantas escolas, nem empregos suficientes — disse Amazonino Mendes.

Principalmente no Rio de Janeiro, a Polícia Militar, em 1989, intensificou os “arrastões” na orla frequentada pelos turistas. Indistintamente, menores com aparência de pobre eram levados ao Juizado de Menores. Ao ser eleita, coordenadora do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Maria Tereza Moura reivindicou a direção da P. M. Argumentou que era inadmissível proibir o acesso dos menores à orla somente porque suspeitavam que fossem delinquentes. Teve várias reuniões com a P. M. até que um dia um de seus interlocutores lhe foi sincero:

— A senhora tem razão. Mas não podemos fazer nada. A pressão vem de cima e é muito forte.

A pressão é exercida sobre o governador Moreira Franco, pelo influente sindicato de Proprietários de Hotéis, irritados com a diminuição do número de turistas devido à imagem do Rio como cidade violenta. Uma imagem que se mostra com adolescentes perambulando próximo aos hotéis e, alguns deles, são realmente ladrões. Nesse ambiente que pede “limpeza” das ruas, geram-se desvios e atrocidades consideradas por eles como rotina.

No Rio apareceram os chamados “anjos da guarda”, figuras muito conhecidas e admiradas pelos banhistas. Estes anjos são anjos de classe média, lutadores treinados em escolas de artes marciais, que formam uma espécie de exército, inclusive uniformizado e tem como meta fazer justiça com as próprias mãos. Perseguem os “pivetes”, os capturam à força e os entregam à polícia. É visível a arbitrariedade total de tais práticas.

Como no caso dos “anjos da guarda”, a classe média carioca aprova os “arrastões”. Estão introduzindo um *apartheid* formal, já que um determinado tipo de pessoas não pode frequentar um determinado tipo de lugar público. Em um desses arrastões (redadas) em janeiro de 89, foram conduzidos 23 meninos à delegacia de menores. Alguns dias depois, somente se tiveram o paradeiro de 9 deles, dos 14 restantes nunca mais se tiveram notícias.

— Eu só queria saber como o país reagiria se houvessem desaparecido 14 médicos, 14 policiais ou 14 jornalistas. Será que quando um indivíduo é jornalista ele vale mais? A tortura praticada contra um menino pobre é menos dolorosa que no corpo de um preso político intelectual? — Pergunta Maria Tereza Moura.

No caso em que um único jornalista, preso por qualquer motivo, fosse submetido a torturas na própria delegacia, seria criado, sem dúvida, um escândalo nacional, com graves consequências para os responsáveis por tais práticas. Durante nosso trabalho de investigação para escrever este livro, ouvimos dezenas de relatos com detalhes de maus tratos e torturas. Alguns meninos se comportavam como se isso fosse algo normal, e é.

É proibido tirar fotografias

Em um domingo ensolarado, do ano de 1989, as irmãs Beatriz e Ivanir decidiram por em prática uma ideia antiga. Iam produzir um álbum de fotografias coloridas dos meninos que freqüentavam um centro para menores abandonados, que funcionava na Vila Gláucia, bairro da periferia de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, que depende do colégio Santo Antônio, o mais importante de Duque de Caxias. Queriam apenas ter uma recordação e com esse

propósito preparam suas máquinas e tentaram reunir os meninos. O projeto, aparentemente tão simples, acabou falhando porque os meninos se opuseram terminantemente a aparecer no álbum.

Logo elas entenderam as razões dos meninos e não insistiram. Os meninos tinham medo que o álbum caísse nas mãos da polícia que poderia reconhecê-los e persegui-los.

— Não conseguimos. Diziam que o álbum podia cair nas mãos da polícia.

Desse mesmo modo reagiram muitos dos meninos que foram convidados a serem fotografados para este livro, não queriam. Um deles falou:

— Isso vai acabar nas mãos dos “homens”.

Após longas negociações e contando com a ajuda de pessoas de sua confiança como Wolmer do Nascimento, a irmã Ivanir e Tiana Sá, coordenadora do Movimento de Meninos de Rua, finalmente conseguimos que Paula Simas os fotografasse. Ainda assim, ficou combinado que apareceriam parcialmente cobrindo os rostos daqueles meninos “procurados” pela polícia. Um deles, que estava ameaçado de morte, confiou nas mãos da Irma Ivanir para ocultar suas feições.

— Estes meninos morrem de medo — comenta a irmã Ivanir — e têm razões para ter medo.

A casa da irmã Ivanir está construída sobre uma elevação. É uma casa limpíssima e lá tem uma horta cultivada com muito carinho pelos meninos, com muitas árvores frutíferas, junto a casa estão as oficinas de artesanato. É silencioso e o ar é puro. Um cenário não enquadrado na Baixada Fluminense; a irmã Ivanir veste roupas simples e leves, e costuma cobrir a cabeça com uma touca; gosta de subir em árvores, o que faz com agilidade quando quer colher fruta ou devolver a pipa de um menino, presa nos ramos. Quando os meninos começam seus relatos esta aparente calma bucólica se rompe para a irmã Ivanir ou Sebastião Couto, o colaborador que administra a horta e dirige as oficinas.

Esta casa carrega em sua origem uma motivação tenebrosa. Foi construída para dar um certo amparo aos meninos que estavam sendo torturados e assassinados em Duque de Caxias, os meninos costumam passar o dia ali, mas não dormem. Costumam socorrer os que não têm o que comer e, em muitas ocasiões, serve de refúgio aos meninos que estão sendo perseguidos pela polícia ou pelos assassinos.

— Se voltar para Caxias, me matam — Diz um dos meninos.

A inauguração da casa produziu uma grande revolta no bairro. Os vizinhos recolheram assinaturas para forçar a expulsão dos meninos, taxando a irmã Ivanir de “louca” e madrinha de “bandidos”.

